

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Mário Corso: “O grande medo dos jovens é não encontrar um lugar no mundo adulto”

PÁGINA 08 | Luís Antonio Groppo: Movimento estudantil: um resquício do passado?

PÁGINA 10 | Maria Isabel Mendes de Almeida: Um jovem cada vez mais autônomo e menos independente

PÁGINA 13 | Vanessa Andrade Pereira: Espaço de socialização gera perspectiva de emprego

PÁGINA 15 | Juarez Tarcisio Dayrell: Os desafios do emprego juvenil

PÁGINA 17 | Lourival Rodrigues da Silva: Uma fé dinâmica e atualizada

PÁGINA 19 | Hilário Dick: Juventude: idêntica e diferente

PÁGINA 22 | Karina Bellotti: Em busca do Reino dos Céus?

PÁGINA 24 | Greyce Vargas: Perfil

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 28 | Achyles Barcelos da Costa, Janaína Ruffoni e Daniel Puffal: Relação universidade e empresa: a academia a serviço da sociedade

» Teologia Pública

PÁGINA 30 | José Marins: As “veias abertas” da Igreja

» Invenção

PÁGINA 35 | Cláudio Nunes de Moraes

» Destaques On-Line

PÁGINA 37 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 41 | Lúcia Pedrosa de Pádua: Teresa de Ávila. Mulher plenamente humana e toda de Deus

» IHU Repórter

PÁGINA 43 | João Libório Schneider



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

“O grande medo dos jovens é não encontrar um lugar no mundo adulto”

Para o psicanalista gaúcho Mário Corso, sem ideologia, a juventude está ligada a um mundo banal e estreito

POR PATRÍCIA FACHIN

“Qual é o grande medo da juventude?”, questiona a equipe da IHU On-Line. A resposta do psicanalista gaúcho Mário Corso é enfática: “Não encontrar um lugar no mundo adulto.” Discursos como “o mercado é implacável”, “a vida é dura”, “se não estudar não terá chance” estão amedrontando os jovens, que seguem a vida sem uma ideologia, sem “uma ambição maior”. Os pais, sem valores maiores para transmitir aos filhos, têm contribuído para esse cenário de insegurança, diz o pesquisador. Com anseios e valores parecidos, as distâncias entre pais e filhos estão diminuindo, o que acarreta na “infantilização geral, um prolongamento da adolescência”, avalia.

Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Mário Corso é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Escreveu os livros *Monstruário* (Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002) e *Fadas no divã* (Porto Alegre Artmed, 2006), este em parceria com Diana Lichtenstein Corso.

IHU On-Line - A pesquisa do *Datafolha* aponta que os sonhos dos jovens do século XXI são materiais: emprego, casa, carro. Como o senhor percebe as ideologias do jovem do século XXI? Elas estão diretamente ligadas ao mundo do consumo?

Mário Corso - Emprego, casa e carro não são bens de consumo; podem ser assim considerados no sentido pejorativo que usamos, mas também podem ser considerados bens essenciais. Que alguém pense nisso é porque tem os pés no chão. Falta, em comparação com as juventudes anteriores, uma ambição maior. Falta utopia, mas falta utopia para todos, não só para os jovens. Estamos mais presos ao chão, os pais não têm valores maiores para transmitir aos filhos, como então esperar que eles sonhem com outros mundos? Portanto, a juventude não está ligada ao mundo do consumo, e sim ao mundo banal e estreito de seguir vivendo com conforto. O consumo, no sentido de tentar ser alguém através dos objetos que se possui, é

“Emprego, casa e carro não são bens de consumo; podem ser assim considerados no sentido pejorativo que usamos, mas também podem ser considerados bens essenciais”

o que é proposto para todos. Se não temos algo diferente, caímos nisso.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a relação dos jovens com a internet? Eles criam, através da rede, um mundo paralelo? Por que nesses ambientes ele atua com mais desenvoltura?

Mário Corso - Os jovens de hoje são a primeira geração que cresceu com a internet. O que vai sair disso é uma incógnita. De qualquer modo, penso que a internet é uma ferramenta extraordinária, permite acesso a informações que antes não eram inatingíveis. O drama é que, nesse momento, a internet é ainda muito superficial, existe muita

informação e nenhuma formação num sentido mais amplo. Porém, ela ajuda cada um a encontrar sua tribo, ficou mais fácil ser diferente, conhecer pessoas, trocar produções, fotos, vídeos. Enfim, ela permite um acesso a bens culturais a um preço muito baixo. O que falta é alguém para guiar os jovens nesse imenso labirinto.

Se um mundo paralelo é um ensaio para o mundo real, é muito bem-vindo, e de certa forma é real, pois as pessoas ficam diferentes com essa experiência. Existe um mundo cooperativo muito interessante na internet. Por exemplo, a Wikipédia, que é feita por inúmeras pessoas, é cheia de erros, mas a experiência de fazê-



DIVULGAÇÃO

la talvez seja uma das raras experiências de formação. Isso compensa a sua superficialidade. O *software* livre é uma militância muito interessante, ele quer levar a internet a todos, quer fazer dela um lugar de troca e não de lucro. Será que isso não é um fiapo de utopia?

Quanto à desenvoltura, é porque na internet tudo é treino, pode-se errar, tudo pode ser recomeçado. É um ambiente mais livre que a escola, não dá notas, não cobra.

IHU On-Line - Mas a internet tem sido usada para uma série de crimes contra os jovens, da pornografia até a indução ao suicídio.

Mário Corso - Sim, a internet tem o seu lado escuro, mas ela não inventou nenhuma maldade nova. Como ela é uma ferramenta extraordinária, e que garante certo anonimato, é o paraíso dos canalhas, ela globalizou a canalhice.

Vivemos um momento ruim, porque muitos pais não sabem usar a internet, ou pelo menos nem todos os seus recursos. Existe uma diferença entre usá-la e habitá-la. Aliás, isso pode ser também um problema. Na internet, não temos o corpo em questão, portanto é um excelente lugar para quem é tímido e tem problemas em relação a ele. Para essas pessoas, o contato virtual pode, com o tempo, chegar a substituir o mundo real, e não se estará usando a internet como um treino para ir ao mundo. Mas, mesmo assim, a alienação na internet é melhor do que a alienação do meu tempo que era estar dentro de uma nuvem de maconha. As drogas sempre “emburrecem”, internet nem sempre.

IHU On-Line - A juventude está mais vulnerável?

Mário Corso - Não creio que a juventude esteja mais vulnerável. É o momento civilizatório que não é bom, vivemos tempos pouco generosos, mesquinhos, o espírito do nosso tempo é depressivo. Aqueles que, como eu, cresceram numa época de maiores esperanças, estranham o mundo atual. Mas isso é cíclico, outras esperanças virão. A depressão nos ataca quando perdemos nossas maiores esperanças. Não é a

frustração do dia-a-dia que nos abate, as perdas pequenas, mas sim a perda do sonho de um destino melhor para nós. A civilização também tem seus momentos depressivos, quando não pode sonhar em ser diferente, e se acha condenada a repetir esse mesmo “mundinho besta”. Claro que isso aguçava o individualismo, vou fazer minha vida e azar do resto. Mas a auto-suficiência e a auto-ajuda são ilusórias, não existe saída fora dos outros, não

**“Não creio que a
juventude esteja mais
vulnerável. É o
momento civilizatório
que não é bom, vivemos
tempos pouco
generosos, mesquinhos,
o espírito do nosso
tempo é depressivo”**

existe felicidade senão coletiva. As saídas sempre são coletivas. Privar-se dos outros e centrar-se em si não é só uma escolha ideológica do momento, é empobrecedor. É um destino muito pequeno ser só um e não deixar que os outros nos alterem. Meu receio, quanto às pessoas que estão em formação hoje, é de se privarem de experiências coletivas, da oportunidade de conhecer o maior número de pessoas na vida real, embora virtualmente alguns jovens se beneficiem da comunicação virtual com gente de outras culturas. Assim, a internet é a esquina de hoje. Como não vamos mais à esquina para ver o que está rolando, usamos a internet.

IHU On-Line - Pesquisas mostram que

os jovens têm iniciado as relações sexuais cada vez mais cedo, tendo vários parceiros, sem compromisso fixo. Quais os valores sexuais dessa juventude e como o tema é tratado dentro do contexto familiar?

Mário Corso - Os jovens são diferentes da geração precedente, mas quais são os parâmetros certos? É muito embaraçoso, e ninguém tem respostas claras sobre qual seria o momento de começar a ter relações sexuais. Acho que o momento histórico que vivemos é um laboratório aberto para pensar mais sobre isso. Entretanto, precisa ficar claro que os jovens não devem ser transformados em objeto sexual de alguém mais experiente. As experiências dele com seus pares da mesma idade é algo realmente para pensar. Uma certa prudência e experiência nos faz empurrar isso para mais tarde; temos uma idéia que todo sexo precoce traumatiza. Não é bem assim: o trauma vem quando o sujeito não pode processar a experiência. O traumático é a desigualdade entre o sedutor e o seduzido que faz da criança ou jovem um objeto a ser abusado, desrespeitado na sua inocência. É fato que os muitos jovens talvez não estejam preparados para as responsabilidades e questões abertas pelo sexo; o tempo dirá. Mas, veja só, a promiscuidade não é dos jovens, é de todos hoje em dia. O sexo aglutina todas as promessas de gozo, reconhecimento e prestígio que são tão caras aos nossos contemporâneos. Por que os mais jovens não teriam pressa em provar desse quitute tão alardeado? No entanto, tenho visto mais prudência que descontrole. Claro que os dados de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis têm estado altos e a gravidez não desejada também, o que me contradiria. Mas existem outros fatores em jogo. Por exemplo, o número de abortos entre adolescentes é muito grande. Examinados caso a caso, vemos que muitos episódios de gravidez não desejada não ocorreram por falta de informação, mas por razões sintomáticas. Enfim, muitas concepções funcionam como uma tentativa, equivocada é claro, de encontrar uma saída para impasses da vida. Entrar em situações de risco sempre foi uma prática juvenil; agora o sexo, que já foi mais segu-

“Os jovens encolheram seu mundo por causa da violência. Andam apenas em circuitos conhecidos, arriscam menos, pois os riscos são grandes. Isso traz um empobrecimento, pois eles acabam vivendo apenas entre os iguais e pouco conhecem até do seu próprio bairro”

ro, tornou-se novamente perigoso. Em geral, o avanço nas questões do sexo foi muito grande, mas mais no vivido do que no relato dessa experiência. Os pais toleram, incentivam o sexo adolescente, mas pouco de fato falam com os jovens. Não é um assunto muito fácil, deixou de ser tabu, mas as resistências continuam. A educação sexual segue não existindo de uma maneira massiva. São poucos os sortudos que têm pais que se dignam a falar sobre sexo. O que acontece é que os pais não sentem que têm algo a oferecer aos seus filhos, é como se eles não soubessem o que dizer, não assumem a experiência que tiveram. Além do mais, é um assunto em que se mente muito. É vergonhoso não ter acesso ao gozo, mais vergonhoso do que ser pobre, por isso todos dizem que são resolvidos e gozam muito sexualmente. Isso eleva as expectativas e pede do sexo mais do que ele pode dar. Isso afeta os jovens, que vão em busca do nirvana e encontram bem menos.

IHU On-Line - No que se refere às inquietações da juventude, os entrevistados pelo Datafolha destacam o medo da morte e da violência. Como o jovem se relaciona nessa sociedade, onde os riscos são eminentes?

Mário Corso - Os jovens encolheram seu mundo por causa da violência. Andam apenas em circuitos conhecidos, arriscam menos, pois os riscos são grandes. Isso traz um empobrecimento, pois eles acabam vivendo apenas entre os iguais e pouco conhecem até do seu próprio bairro. O Brasil não percebe as perdas que estamos tendo em viver quase em estado de guerra. Estamos nos acostumando a viver cada vez mais dentro de casa. A rua, antes um lugar de prazer, virou um lugar hostil.

É dramático, sobretudo para os jovens, afinal tem menos dinheiro para carros, táxis, ônibus, para ir de um lugar seguro a outro. Perdemos o hábito das grandes caminhadas sem rumo, apenas para explorar a cidade.

IHU On-Line - Que outros medos compõem o imaginário da juventude?

Mário Corso - O grande medo é não encontrar um lugar no mundo adulto. Dizemos o tempo todo aos jovens que o mercado é implacável, que a vida é dura, que se ele não estudar não terá chance, que qualquer deslize e ele será um marginal. Nós os amedrontamos e eles escutam. Nossa propaganda constrói a idéia de que o mundo é um lugar difícil e devemos entrar nele botando o pé na porta.

IHU On-Line - O jovem de hoje tem deixado a casa dos pais quase no final da juventude. O que essa atitude revela sobre o perfil da juventude moderna?

Mário Corso - Hoje, os pais e filhos são mais parecidos nos valores e anseios, portanto não é preciso sair de casa para viver uma outra vida. Em casa se pode transar, fumar maconha com descrição. É um lugar protegido, cômodo, onde tanto os filhos não querem partir como os pais não os deixam ir. O que isso acarreta é uma infantilização geral, um prolongamento da adolescência, acaba sendo mais difícil crescer.

IHU On-Line - Uma recente pesquisa apontou o jovem brasileiro como um dos mais felizes e esperançosos do mundo. Podemos dizer, realmente, que o Brasil é um país de jovens habitado por espírito jovem, mesmo com todos os problemas sociais?

Mário Corso - É difícil responder. Se

for certo, melhor para nós. Mas o índice duma felicidade, duma sociedade, deve ser medida pelo que cada um diz de si, e então, entramos num terreno subjetivo e de difícil mensuração. Se olharmos o quadro da drogadição¹ no país fica difícil me convencer que tem tanta gente feliz, senão para que essa tentativa de suplência de felicidade que a droga promete?

BAÚ DA IHU ON-LINE

A IHU On-Line já produziu outros números especiais sobre a temática da juventude. Confira as edições na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

* *Culturas Jovens: Nômades em um mundo em fluxo*. Edição 71, de 18-08-2003;

* *Jovens, violência e mídia: construções de significados*. Edição 82, de 03-11-2003;

* *Culturas jovens*. Edição 208, de 11-12-2006.

LEIA MAIS...

>> Corso já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Acesse em www.unisinos.br/ihu.
Entrevista:

* *A grande esperança da revolução sexual não se deu*. Edição 173, de 27-03-2006.

PARA SABER MAIS...

A pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, no mês de julho deste ano. Para traçar um perfil do jovem do século XXI, o *Datafolha* entrevistou 1541 brasileiros entre 16 e 25 anos, em 168 cidades. Foram aplicados dois questionários: um de 60 questões; outro de 30, sobre sexo e drogas, os quais foram preenchidos pelo entrevistado.

¹ Drogadição é um termo genérico criado para compreender qualquer e toda modalidade de adição bioquímica por parte de um ser humano ou a alguma droga (substância química) ou à superveniente interação entre drogas (substâncias químicas), que seja causada ou precipitada por complexo de fatores genéticos, bio-farmacológicos e sociais, aqui incluídos os fatores econômicos e políticos. (Nota da IHU On-Line)

Movimento estudantil: um resquício do passado?

A militância está sendo substituída pelo trabalho voluntário, mas este não tem o mesmo impacto transformador e desafiador, considera Luís Antonio Groppo

POR PATRICIA FACHIN

Questionado sobre quem são os jovens militantes engajados ao movimento estudantil, o sociólogo Luís Antonio Groppo é enfático: “São uma porção residual das atuais juventudes estudantis, uma minoria que pode até se tornar novamente mais influente, mais dinamizadora, mas que atualmente tem tido pouco impacto”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador afirma que o movimento estudantil representado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) “não é capaz de fazer reverberar os anseios das juventudes estudantis”. Por outro lado, explica, os estudantes universitários “não formam mais uma única categoria”, e tampouco têm os mesmos interesses. As últimas reivindicações universitárias foram feitas por jovens que pertenciam a cursos “menos prestigiados e em crescente precarização, de jovens oriundos de camadas sociais mais distantes das elites socioeconômicas e que ocuparão provavelmente postos de trabalho menos prestigiosos”, assegura.

Graduado em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo, mestre em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e doutor em Ciências Sociais, pela mesma universidade, Groppo é docente do Programa de Mestrado em Educação, do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Entre suas obras, citamos *A juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas* (Rio de Janeiro: Difel, 2000) e *Uma onda mundial de revoltas. Movimentos estudantis de 1968* (Piracicaba: Unimep, 2005).

IHU On-Line - Quem são os jovens engajados nos movimentos estudantis e quais são os seus anseios e bandeiras? Esse engajamento está relacionado à vivência particular de cada jovem?

Luís Antonio Groppo - Serei honesto em dizer que não tenho em mãos um perfil sociodemográfico dos atuais jovens militantes. Mas não parece exagero dizer que são uma porção residual das atuais juventudes estudantis, uma minoria que pode até se tornar novamente mais influente, mais dinamizadora, mas que atualmente tem tido pouco impacto.

Em termos estatísticos, a militância anda sendo substituída pelo voluntariado, estimulado inclusive por programas sociais governamentais, pela mídia e até mesmo pelo merca-

do de trabalho – que passa a considerar a disposição ao voluntariado como um importante requisito ao novo profissional. Comparativamente, o voluntariado tem muito menos impacto transformador e desafiador que a militância, mas não se pode menosprezar os desejos mais ou menos ocultos de participação, de pertencimento presentes na disposição em ser “voluntário” – mesmo que seja o interesse em se tornar mais “empregável”. O movimento estudantil oficialmente representado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) nada ou pouco tem de movimento. Ele se institucionalizou, perdeu muito de sua influência, de seu impacto – em especial no próprio meio estudantil. Os anseios e bandeiras deste movimento estudantil oficial pouco é capaz de fazer reverberar

os anseios das juventudes estudantis. Mas há várias manifestações de descontentamento estudantil, como em diversas ocupações de reitorias nos últimos anos. Ainda que não se deva desprezar a denúncia de que houve certa manipulação por grupamentos da “extrema esquerda” dissidentes da UNE, esta cooptação, tentada e talvez em parte conseguida, não deve ocultar a insatisfação de parte importante dos estudantes que participaram das invasões.

Universitários

É preciso pensar, por outro lado, que os próprios estudantes universitários não formam mais uma única categoria, com os mesmos interesses. A diversidade do estudante universitário em muito reflete a diversidade das ins-



DIVULGAÇÃO

tituições universitárias: há estudantes de universidades públicas e privadas prestigiadas e desprestigiadas, formadoras de elites profissionais ou de mão-de-obra especializada, de cursos mais ou menos prestigiados dentro da mesma universidade etc. Para ficar num exemplo, parte importante dos estudantes que invadiram reitorias de universidades estaduais de São Paulo e federais país afora, em uma breve leitura dos acontecimentos, pertenciam a cursos das Ciências Humanas, menos prestigiados e em crescente precarização, de jovens oriundos de camadas sociais mais distantes das elites socioeconômicas e que ocuparão provavelmente postos de trabalho menos prestigiosos e menos bem pagos, tais quais a docência no ensino fundamental.

Sobre o fato da vivência particular de cada jovem ter relação com a militância, isto é sempre verdadeiro, mas, como sociólogo, consigo enxergar melhor os fatores gerais e processos mais fundamentais, que permeiam e limitam mesmo tais vivências individuais.

IHU On-Line - O *apartheid* social que caracteriza o Brasil de hoje faz com que os jovens de classe média fiquem acomodados, com medo de perder o padrão de vida conquistado? Essa posição justifica a escassa participação política e social dos jovens brasileiros?
Luís Antonio Groppo - Não sou muito simpático a definições taxativas, tais como caracterizar o jovem de classe média atual como individualista e acomodado. Não gosto muito de definir coletividades com qualificativos mais apropriados a individualidades. Podemos cair em simplismos, tais como aquele que um dia relegou toda a juventude pós-1968 ao rótulo “Geração AI-5”, não levando em conta a diversidade de posições e situações, e muito pouco as condições políticas e socioculturais desfavoráveis ao engajamento político naquele momento difícil para a oposição ao Regime Militar.

De todo modo, é possível pensar na hipótese de que o fechamento, hoje de caráter socioeconômico, conspira contra possíveis aspirações emancipadoras, contra engajamentos no formato da militância tradicional. Os jovens das classes populares e médias são em-

purados antes a pensar no seu próprio presente e futuro próximo, inclusive em questões como sobrevivência. Mais especificamente em relação aos jovens dos estratos socioeconômicos médios, nos últimos anos tem-se registrado dados que indicam o estancamento ou mesmo o retrocesso do processo de ascensão social, registrado de uma geração a outra. Mesmo estes estratos vêm-se obrigados a permanecer mais tempo na dependência da família de origem (condição que pode se tornar permanente, ou a que se pode recorrer em certos períodos da vida), alon-

“Fatores socioeconômicos têm levado às juventudes das mais diversas classes, incluindo as universitárias, a buscar sua sobrevivência ou estancamento do descenso social”

gando o tempo da juventude (que, de fase transitória, por vezes parece se tornar condição estável, identidade a se adotar por um período maior do que tradicionalmente se vivia).

IHU On-Line - A caravana da UNE iniciou uma campanha que trata de Saúde, Educação e Cultura. Isso demonstra que as preocupações dos jovens são outras? Pode-se afirmar que a UNE está engajada numa nova causa?

Luís Antonio Groppo - A UNE não se constitui em um movimento. É uma instituição aparelhada por um partido político de expressão pequena no cenário nacional, que inclusive se alia ao governo federal atual para conseguir também cargos e posições, compen-

sando sua fraqueza no cenário eleitoral e na penetração entre movimentos sociais, na atualidade. Vem, inclusive, revivendo o formato das Caravanas da diretoria da UNE, talvez como paródia – pois se, a história, diria Marx, se repete duas vezes, a segunda aparece como farsa.

IHU On-Line - A juventude universitária é conservadora, se comparada à dos anos 60, 70 e 80?

Luís Antonio Groppo - Não podemos generalizar questões tão sensíveis. O que pode ser dito é que fatores socioeconômicos têm levado às juventudes das mais diversas classes, incluindo as universitárias, a buscar sua sobrevivência ou estancamento do descenso social. Diante da fratura social provocada pela crise de muitas instituições voltadas ao bem-estar social, ou à paralisia do processo de expansão dos direitos sociais, poucas instituições restaram para dar segurança e sentimento de pertença a muitas juventudes. Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo,¹ muito bem conduzida, gerando livros muito importantes, demonstrou bem isto: família e religião, em menor grau a escola, foram apontadas como as principais instituições de referência dos jovens. São instituições que tendem ao particularismo e ao conservadorismo, o que talvez possa dar a impressão de serem os jovens hoje, em geral, mais conservadores. Mas são a elas que boa parte dos jovens pode recorrer em tempos de dificuldades e de recuos das instituições e recursos públicos disponíveis às fases mais sensíveis do curso da vida (infância, juventude e velhice).

IHU On-Line - Em que sentido a atuação dos jovens da década de 1960 nos ajuda a entender a participação política da juventude contemporânea?

Luís Antonio Groppo - Cada juventude vive as possibilidades e os limites de sua época. Os jovens dos anos 1960, ou

1 O entrevistado se refere à pesquisa nacional “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada no ano de 2005, pela Fundação Perseu Abramo. Os resultados foram publicados no livro *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional* (São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005), organizado por Helena Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco. (Nota da IHU On-Line)

“Cada juventude vive as possibilidades e os limites de sua época. A dos anos 1960, ou melhor, jovens universitários das camadas médias em grandes cidades do país, foram praticamente empurrados para a militância e o engajamento

melhor, jovens universitários das camadas médias em grandes cidades do país, foram praticamente empurrados para a militância e o engajamento. Tiveram a “sorte” das circunstâncias favoráveis, da situação em que era necessário um protagonista social para responder os desafios de um tempo de contradições. Este é também nosso tempo, de contradições, ainda que diferentes das dos anos 1960. Mas não devemos julgar nem medir os jovens e suas ações (ou omissões) atuais por modelos oriundos de outros tempos.

IHU On-Line - Como a juventude tem encarado o ProUni? Por que há tantas discordâncias, entre os jovens, sobre esse assunto?

Luís Antonio Groppo - As discordâncias têm a ver com a diversidade dos jovens, incluindo os universitários. Por um lado, ele foi instrumento usado pelo governo para ampliar o acesso ao ensino superior sem usar recursos públicos e modo de socorrer muitas instituições privadas em dificuldades, ao mesmo tempo em que trouxe apuros para instituições confessionais que já tinham isenções fiscais. Por outro, foi o meio usado por muitos jovens das camadas médias empobrecidas e populares, trazidas recentemente ao ensino médio em parte importante, para o acesso ao ensino superior.

Um jovem cada vez mais autônomo e menos independente

O jovem questionador desapareceu. Ele cedeu espaço a um novo modelo: “o jovem enquadrado”, considera Maria Isabel Mendes de Almeida

POR PATRICIA FACHIN

O jovem do século XXI está mais individualista, acomodado e suscetível a várias experimentações. Ele “se permite ensaiar, provar, ter várias experiências e não se precipita com o futuro”, afirma a socióloga Maria Isabel Mendes de Almeida, da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Ao analisar o perfil do jovem contemporâneo, em entrevista especial concedida por telefone à **IHU On-Line**, a pesquisadora explica alguns fatores que contribuíram para essa mudança de paradigma da juventude moderna. O jovem está mais individualista porque, segundo ela, “se tornou agente do seu próprio destino”. Nesse novo cenário, a juventude parece ter deixado de lado as reivindicações sociais herdadas pelos veteranos da década de 1960. “O jovem tem participado de movimentos mais pontuais. Uma das campanhas que têm sensibilizado a juventude é a da questão ambiental”, aponta a pesquisadora, que em seguida dispara: “A preocupação norteadora não é mais social e transformadora. Não há uma aposta que privilegie, sobretudo, esse jovem preocupado com a transformação social.”

Maria Isabel Mendes de Almeida possui mestrado e doutorado em Sociologia, pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Atualmente, é pró-reitora de pós-graduação e pesquisa na Universidade Candido Mendes (UCAM), e coordenadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP), onde funciona o Núcleo de Estudos em Subjetividade (NES), dedicado à pesquisa das culturas jovens urbanas. Docente do curso de mestrado em Sociologia e Política na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Maria Isabel organizou, entre outros, os livros *Culturas jovens. Novos mapas do afeto* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006) e *Por que não? Rupturas e continuidades da contracultura* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2007).

IHU On-Line - Segundo dados do Datafolha, o jovem apresenta uma postura mais conservadora em relação ao aborto, mas é totalmente liberal quando o assunto é sexualidade. Como compreender posições tão diferentes?

Maria Isabel Mendes de Almeida

- Esse conservadorismo diz respeito à postura da juventude, atualmente. Hoje, o jovem é muito mais atento a enquadrar-se numa situação do que efetivamente questionar-se. Ele está balizado pela idéia de competência, de sucesso no mercado de trabalho. Esse conservadorismo, por sua vez,

Divulgação



diz respeito à dissociação que existe hoje entre independência e autonomia, ou seja, o jovem é autônomo, mas não independente, como era o da década de 1960, que saía de casa, tinha confronto com os pais, e que só se considerava autônomo se fosse independente.

Hoje, o jovem é autônomo, criativo, mas totalmente dependente dos pais. Ou seja, ele não está mais preocupado em sair de casa e se tornar independente. Essa nova realidade vai gerando acordos dentro da família e assuntos como sexo se tornam mais frequentes. Nesse contexto, a sexualidade não é mais um parâmetro gerido pelos pais, e sim pelos jovens, com o aval da família.

Desse modo, ele não se preocupa tanto com o aborto, uma vez que este não é mais um recurso necessário como um antagonismo aos pais. O nascimento de uma criança, atualmente, nos setores de classe média, conta com amplo apoio da família. Isso revela que esse jovem também está apostando e investindo na estrutura familiar, uma vez que não questiona os valores familiares.

IHU On-Line - Pesquisas demonstram que o jovem inicia a vida sexual antes dos 15 anos, e que deseja ter vários parceiros. Que valores compõem a vida dos jovens da era do “ficar”?

Maria Isabel Mendes de Almeida - O valor de laboratório. O jovem de hoje se permite ensaiar, provar, ter várias experiências e não se precipita com o futuro. A questão do “ficar” é uma espécie de símbolo dessa idéia de ensaísmo, na qual o jovem não tem mais a pressão absoluta do compromisso. Hoje, o “ficar” é muito diferente da geração dos anos 1960 e 70. Essa relação traz em si a idéia da experimentação, em que a escolha do par se dá após muitas etapas de experimentação. Entretanto, “ficar” não significa ter relações sexuais. Nos setores de classe média, por exemplo, os jovens estão perdendo a virgindade com uma idade mais avançada, já que o cenário do “ficar” compõe-se de experiências erotizadas no sentido lúdico.

Percebo que não há ausência de valores nos relacionamentos da juventude,

“Esse conservadorismo, por sua vez, diz respeito à dissociação que existe hoje entre independência e autonomia, ou seja, o jovem é autônomo, mas não é independente, como era o da década de 1960, que saía de casa, tinha confronto com os pais, e que só se considerava autônomo se fosse independente”

de, mas uma pragmatização da visão de mundo. O conceito do pragmatismo está muito mais evidente no sentido de não se dar a chance de errar rápido, mas sim ter uma escala de experimentação antes de estabelecer um compromisso efetivo.

IHU On-Line - Segundo dados do *Datafolha*, entre os sonhos dos jovens brasileiros, as preocupações profissionais e pessoais estão em primeiro plano. O que isso significa? O jovem está mais individualista? As lutas sociais cederam espaço à realização pessoal?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Sim! Ele está mais individualista, porque se tornou agente do seu próprio destino. A decisão não é tomada mais pela fa-

mília, pela escola, pelo partido político, e sim por ele mesmo. Por isso, o jovem de hoje encontra dificuldade em fazer algumas escolhas. Portanto, isso diz respeito a um individualismo cada vez mais radical, sim! Essa mudança também afetou as relações pessoais, na qual o ideal romântico do casamento deixou de ser o princípio norteador, sobretudo na vida da mulher. Percebo nas pesquisas que os projetos de vida a dois estão vindo a reboque da questão profissional, ou seja, essa vem sendo norteadora na vida da juventude. Para vários jovens, por exemplo, uma bolsa de estudos ou um aceno de emprego muito atraente é mais importante do que os laços afetivos. Assim, a criatividade e a profissão são aspectos que se contaminam mutuamente, ou seja, eles querem, no trabalho, serem criativos; e, na criação, serem profissionais.

IHU On-Line - Mas nem por isso os jovens abandonaram as causas sociais...

Maria Isabel Mendes de Almeida - Não. As duas coisas podem caminhar juntas, embora estejam despidas do aspecto ideológico central. A preocupação norteadora não é mais social e transformadora. Não há uma aposta que privilegie, sobretudo, esse jovem preocupado com a transformação social.

IHU On-Line - Então, de que maneira o jovem tem expressado sua vontade de mudança?

Maria Isabel Mendes de Almeida - O jovem tem participado de movimentos mais pontuais. Uma das campanhas que têm sensibilizado a juventude é a da questão ambiental, a qual está atrelada a uma preocupação mais ampla, com o todo, mas, sobretudo, com ele mesmo e com o mundo em que ele viverá.

Aquilo que justificava, para a minha juventude, a luta armada, a política estudantil, e tudo que implicava de uma maneira mais contundente numa bandeira transformadora hoje não se dá da mesma forma.

IHU On-Line - Como as novas tecnologias e a internet têm influenciado a construção da identidade juvenil?

“Percebo nas pesquisas que os projetos de vida a dois estão vindo a reboque da questão profissional, ou seja, essa vem sendo norteadora na vida da juventude. Para vários jovens, por exemplo, uma bolsa de estudos ou uma cena de emprego muito atraente é mais importante do que os laços afetivos”

Maria Isabel Mendes de Almeida - Certamente de uma forma muito intensa. A interação do jovem com a internet vem sendo muito criadora, possibilitando que ele expresse seu pensamento e visão de mundo para toda a sociedade. No caso dos blogs de literatura, por exemplo, estamos descobrindo muitos talentos que sem a rede não teriam como se manifestar.

IHU On-Line - Antigamente, os jovens saíam de casa por volta dos 20 anos de idade. Hoje, muitos moram com a família até o fim da juventude. O que essa permanência na casa dos pais representa? O jovem do século XXI está com medo de enfrentar a vida adulta?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Esse cenário é mais significativo entre os jovens de classe média, os quais estudo. A violência é um fator considerável quando analisamos esse novo contexto, pois ela tem interferido muito na reorganização das relações pessoais. Os jovens têm receio e menos capacidade de apostar no que diz respeito à sua relação com o espaço físico, já que a vida se tornou assustadora.

Entretanto, outro aspecto justifica essa permanência em casa: o jovem está acomodado! Por mais que ele seja criativo e competente, prefere poupar dinheiro, esquivando-se de pagar todas as despesas que implicam ter um

apartamento, ficando na casa dos pais para depois ingressar na vida de uma forma mais protegida, com um capital acumulado. Essa permanência tem a ver com o fato de que o jovem se torna autônomo, e não independente. Para os pais, o sucesso profissional dos filhos é muito mais importante do que a independência. Existe nisso uma espécie de pacto curioso, uma cumplicidade na relação pais e filhos que deve ser estudada com mais cautela para que se compreenda de forma mais aprofundada esse fenômeno. Percebemos o fenômeno, mas não podemos exaurir todas as respostas a esse respeito.

IHU On-Line - A pesquisa do *Datafolha* afirma que os jovens se preocupam muito com a aparência. Em contrapartida, os dados revelam que o índice de insatisfação com o corpo tem aumentado entre meninos e meninas. O que explica tamanha insatisfação entre jovens “criativos e autônomos”?

Maria Isabel Mendes de Almeida - A aparência e o aumento dessa preocupação revelam a medida inversa, ou seja, cada vez mais a idéia de competência integra a capacidade de cuidar de si. Um jovem obeso, descuidado ou com má aparência é visto como incompetente. Ou seja, ele não está conseguindo cuidar inteiramente de todas as esferas de sua vida. A socie-

dade na qual ele está inserido é cada vez mais implacável com essa idéia de criar um cartão de visita de si. Se formos comparar a juventude atual com a da contracultura, percebemos que a inteligência, antes, era um elemento que definia mais o jovem do que o fato de ele ser gordo. Hoje, o *nerd*, por exemplo, também faz parte de uma categoria de implacabilidade. Ele é genial, conhece tudo sobre um determinado assunto, mas, no intervalo da escola, fica na sala porque é gordo ou tem espinhas.

Quer dizer, ele fica à mercê do olhar do outro jovem. Nesse sentido, a percepção do colega é mais implacável e definitiva na sociedade contemporânea.

IHU On-Line - Por outro lado, o jovem brasileiro é apontado como um dos mais felizes e esperançosos do mundo. Como a senhora avalia esse fenômeno? O jovem moderno é criativo, autônomo, dependente, insatisfeito com seu corpo, mas feliz e esperançoso?

Maria Isabel Mendes de Almeida - Não existe uma relação de contradição entre esses termos. A felicidade, o otimismo, a esperança e a preocupação com o bem-estar – como ingredientes centrais na economia interna deste jovem – não o livram do peso de que ele tem de “dar certo”. Ou seja, de que ele precisa estar permanentemente atento a um interminável processo de formação e aperfeiçoamento de si. Tal estado de coisas não descarta um duplo sentimento de busca imperativa da felicidade e de uma contínua espiral de insatisfações e frustrações.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Maria Isabel Mendes de Almeida. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas:

* *Guerreiros da night*. IHU On-Line número 71, de 18-08-2003, no tema de capa intitulado *Culturas Jovens: Nômades em um mundo em fluxo*;

* *As novas formas de sociabilidade e afetividade nos jovens*. IHU On-Line número 208, de 11-12-2006, no tema de capa intitulado *Culturas jovens*.

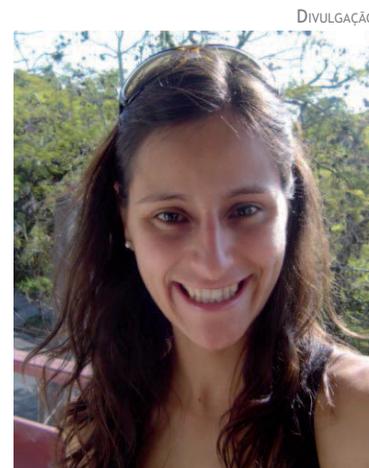
Espaço de socialização gera perspectiva de emprego

Atividades praticadas na lan house garantem perspectiva de um futuro melhor para os jovens, diz Vanessa Andrade Pereira

POR PATRICIA FACHIN

As atividades praticadas na lan house significam uma perspectiva de futuro para muitos jovens, e quem sabe até um emprego no concorrido mundo contemporâneo, dominado pelas técnicas digitais. Em busca de oportunidades, “eles não só sentem sua estima elevada pelo fato de não serem considerados ‘analfabetos digitais’, porque não o são, como também acabam conseguindo empregos”, afirma a antropóloga Vanessa Andrade Pereira. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a pesquisadora traça um perfil dos jovens gaúchos que freqüentam a X-play lan house, em Porto Alegre. Segundo ela, muitos deles vislumbram uma mudança de vida e compreendem “os ‘clamores’ da sociedade urbana, sabem o que precisam para ‘se dar bem’ e querem alcançar isto com o ‘mínimo esforço’”.

Docente da Escola Superior de Propaganda e Marketing, de Porto Alegre, Vanessa Andrade Pereira é mestre em Comunicação e Informação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutora em Antropologia Social, pelo Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



IHU On-Line - Como explicar o fenômeno da lan house e a adesão da juventude a esse ambiente? Que jovens fazem parte desse universo?

Vanessa Andrade Pereira - Os jovens que estudei são de camadas populares; é importante ressaltar este ponto, pois ele define um estilo de vida e visão de mundo singular. A maioria deles não tinha computadores de ponta e utilizava os da lan house para jogar.

Além de ser uma casa de jogos, a lan house é um espaço de sociabilidade. A idade dos freqüentadores varia de 12 a 18 anos, mas os adolescentes de 15 e 16 anos são os mais assíduos. É interessante pontuar que a inclinação dos jovens pela lan house corresponde muito a um momento específico da vida: a adolescência, quando há, geralmente, apenas um turno de atividade efetiva (aula), e um tempo considerável para exercer outras atividades. No caso dos jovens estudados, era comum irem para a lan house às 14 horas e saírem às 23h, mas isto não significa que ficassem o tempo todo

jogando. Eles perambulavam dentro e fora do espaço da lan, andavam de skate na calçada em frente à loja, iam ao bar comprar guloseimas, trocavam idéias com os amigos, enfim, era um espaço para se “estar”, como uma “praça”, ou um “shopping”.

IHU On-Line - Como ocorre a sociabilidade on-line e off-line entre os jovens pesquisados pela senhora?

Vanessa Andrade Pereira - Quando estão no espaço da lan house, os jovens estabelecem contatos com pessoas que estão fisicamente presente, ou seja, no mesmo espaço (off-line) e também com outras que são contatadas no ciberespaço (on-line). Isso mostra que os jovens têm ampla habilidade para lidar com suas amizades nos dois modos citados, entrecruzando-as. Eles marcavam encontros, geralmente com meninas, que conheciam on-line, pelo MSN (Messenger) ou Orkut (site de relacionamento), mas também tinham laços fortes com amigos que compartilhavam o mesmo game, no Brasil e

exterior. Um dos jovens comentou que tinha uma amiga canadense, contatada no game Tibia,¹ com quem aprendeu a falar inglês. Outro jovem, líder de um clã (grupo organizado para jogar contra outros), disse que se sentia muito à vontade quando está na rede, “conversando” com os amigos ou jogando. A presença física não é um limitador para o estabelecimento de laços duradouros, embora não se possa dizer que eles não considerem importante estar fisicamente entre amigos e ter namoradas, as quais possam beijar e abraçar.

¹ Tibia é um jogo de RPG via Internet (MMORPG), ambientado em uma atmosfera medieval. A primeira versão de Tibia foi lançada em janeiro de 1997, o que faz do jogo um dos mais antigos do gênero em atividade. Pode ser jogado gratuitamente por tempo indeterminado, porém há a opção de se criar contas pagas, que oferecem aos jogadores áreas e funcionalidades adicionais no jogo. Os gráficos do jogo são em duas dimensões, apresentando pouquíssimos detalhes. É possível, inclusive, notar com facilidade os pixels da tela. A tela principal do jogo apresenta uma vista superior, mostrando toda a área próxima ao jogador. (Nota da IHU On-Line)

“A multiplicidade de identidades não é um problema que enfrentam, mas uma realidade que vivem e ajudam a construir”

Eles lidam com “naturalidade” nos dois ambientes, sabem seus limites, conhecem suas potencialidades, dominam sua linguagem particular, reconhecem as possíveis “falcatruas” (falsificações de personalidades) a que estão sujeitos, e dominam a arte de falsificar personalidades. A multiplicidade de identidades não é um problema que enfrentam, mas uma realidade que vivem e ajudam a construir.

IHU On-Line - A lan house, enquanto meio de socialização, tem remodelado o comportamento da juventude ou redefinido modos de relacionamento social juvenil?

Vanessa Andrade Pereira - Sim. Ela funciona como um espaço de lazer, como o shopping, praças, ruas, mas não podemos desconsiderar o fato de ela possibilitar o acesso ao mundo virtual da Internet, colaborando assim para a manutenção desta intrincada rede de relacionamentos on e off-line que os jovens gerenciam cotidianamente. Então, diria que eles têm motivação para ficar na lan house não apenas para jogar, mas para encontrar amigos das duas esferas, num espaço especificamente juvenil.

IHU On-Line - Quais os valores dessa juventude digital? Que sentimentos fazem parte do imaginário desses jovens?

Vanessa Andrade Pereira - Compartilhar o campo de batalha no game cria uma relação de proximidade e companheirismo. Porém, vários valores estão “em xeque” dentro e fora do jogo: lealdade, honra, virilidade, beleza, esperteza, sinceridade, honestidade. Enganar alguém usando uma personalidade feminina para conseguir itens no game é visto como um ato de perspicácia, e não de “trapaça”. Mas, se o “trapaceado” descobre que foi enganado por outro jogador, ele chama os amigos para se vingar do “trambi-

queiro”, matando o personagem com a ajuda de todos.

Os valores da juventude digital são os mesmos da sociedade, das relações familiares. É um erro pensar que o game “cria” um valor que possa ser desconectado de uma referência de vida dos jogadores. Se há uma maior distribuição e aceitação de games violentos, precisamos observar quais valores estamos cultuando, e por que eles permitem que esses jogos façam sucesso entre a juventude. Dizer que games de disputas promovem e incentivam a violência é um exagero. Há uma série de trabalhos na área das Ciências Cognitivas que exaltam a importância do game para o desenvolvimento de certas habilidades, em jovens com problemas de dislexia, por exemplo.

IHU On-Line - Por que meninos e meninas desenvolvem atividades diferentes na lan house (eles jogam e elas assistem)?

Vanessa Andrade Pereira - Definitivamente, não sei. Não foi um dado que pesquisei a fundo; ele aparece na pesquisa mais como uma constatação. As meninas apresentam seus motivos: preferem conversar, gastar dinheiro com outras coisas (festas, bijuterias, cigarro). Este ponto merece ser explorado, porque existem meninas que jogam, e jogam bem. Mas sofrem preconceito dos meninos, que dificilmente aceitam perder para uma mulher, se dirigindo a elas com xingamentos e agressões verbais.

IHU On-Line - Alguns jogadores dedicam horas do dia aos jogos. De que maneira essa opção interfere na produção de outras atividades, como a frequência escolar, por exemplo?

Vanessa Andrade Pereira - Esta pergunta é muito interessante, pois foi um dado com o qual me preocupei muito, depois de observar um alto índice de

defasagem escolar entre meninos de 17 anos. Mas não penso que este fato acontece só pela ampla dedicação aos games, afinal, se não se dedicassem a isso, dedicariam-se ao skate, bicicleta.

IHU On-Line - Alguns dos frequentadores da lan house pesquisada pela senhora são adeptos do discurso de que as atividades aprendidas na escola não serão úteis no futuro. Eles consideram que as atividades praticadas na lan house trarão algum retorno? Por que essa preferência pelos jogos eletrônicos?

Vanessa Andrade Pereira - Eles não dizem, mas sabem que as práticas na lan house são úteis sim, no presente e futuro. Eles não só sentem sua estima elevada pelo fato de não serem considerados “analfabetos digitais”, porque não o são, como também acabam conseguindo empregos. Muitos trabalharam em lan house (sonho de todos); outros produzem vídeos para eventos (15 anos, formaturas). É como se todos conseguissem vislumbrar uma mudança de vida no mundo contemporâneo que tem como mote o domínio da técnica informacional. A maioria deles quer fazer um curso técnico de informática, mas, infelizmente, são impedidos, devido às condições financeiras.

Esses jovens compreendem os “clamores” da sociedade urbana, sabem o que precisam para “se dar bem” e querem alcançar isto com o “mínimo esforço”. Ter conhecimento na área de informática é, na visão deles, um caminho para obter um futuro melhor.

Com 18, 19 anos, eles não disponibilizam mais tanto tempo aos jogos, mas a informática ainda continua sendo importante em suas vidas. Não encontrando caminhos profissionais que lhes sejam interessantes, optam por permanecerem fazendo “bicos” na área técnica.

LEIA MAIS...

>> Vanessa Andrade Pereira já participou de outras publicações do IHU. Confira o Caderno IHU Idéias 99, intitulado *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house*. O texto está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Os desafios do emprego juvenil

Para Juarez Tarcisio Dayrell, as perspectivas de futuro dos jovens, principalmente pobres, ainda são limitadas

POR PATRICIA FACHIN

“**A** questão do emprego juvenil é um desafio que o país precisa enfrentar, porque coloca limites às perspectivas de futuro do jovem.” A avaliação é de Juarez Tarcisio Dayrell, coordenador do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*, o pesquisador afirma que a juventude não está acomodada, mas precisa de incentivo e espaços de socialização que despertem sua participação coletiva. “Será que as escolas estão preocupadas com isso? Será que elas estão preocupadas em criar estes espaços?”, questiona. Segundo ele, analisar o impacto da escolarização na vida dos jovens é outro fator que merece destaque. O ProUni, considera, “foi um avanço para o país, mas precisa ser redimensionado, na perspectiva da qualidade”. Com o aumento de jovens graduados no Brasil, os critérios para entrar no mercado de trabalho serão estabelecidos a partir de “quem tem diploma de uma universidade federal e quem tem de uma universidade particular de quinta categoria”.

Dayrell é graduado em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Educação, pela mesma universidade, e doutor em Educação, pela Universidade de São Paulo (USP). Entre seus livros, destacamos *A música em cena: o rap e o funk na socialização da juventude* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005).

IHU On-Line - Hoje, muitos jovens ingressam no ensino superior através de incentivos como o ProUni.¹ Por outro lado, o mercado está abarrotado de graduados desempregados. O jovem lhe parece limitado, no sentido de não reivindicar melhorias no mercado de trabalho?

Juarez Tarcisio Dayrell - O grande desafio posto hoje, não só no Brasil, é a questão do desemprego. Hoje, da forma como a sociedade capitalista está organizada, nunca haverá emprego para todos. A juventude atual, não

só no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos, é a mais penalizada com o desemprego. Há medidas, mas sabemos de antemão que elas não vão solucionar totalmente a questão, que é muito mais da própria estrutura da sociedade capitalista. A questão do emprego juvenil é um desafio que o país precisa enfrentar, porque coloca limites às perspectivas de futuro do jovem. Ao mesmo tempo, precisamos analisar, também, o impacto da própria escolarização. O ProUni foi um avanço para o país, mas precisa ser redimensionado, na perspectiva da qualidade. Os jovens pobres estão entrando em faculdades, onde a qualidade é muito deficiente. Daqui a pouco, a questão não vai ser quem tem ou não diploma universitário, mas quem tem diploma de uma universidade federal e quem tem de uma universidade particular de quinta categoria. Isso se torna um novo desafio, comum na política pública, que resolve um problema e traz outros. Percebo, e as pesquisas

apontam, que as perspectivas de futuro dos jovens, principalmente pobres, ainda são muito limitadas.

IHU On-Line - A pesquisa do *Datafolha* sobre o perfil do jovem do século XXI apresenta uma juventude “conservadora”. Em que sentido os rumos da sociedade brasileira contribuem para a formação desse perfil?

Juarez Tarcisio Dayrell - De fato, a leitura que esta pesquisa fez dos jovens aponta para um conservadorismo, porque partiu de interesses e expectativas de todo ser humano. O jovem pretende casar, ter filhos, uma casa, um emprego fixo. Não são desejos apenas dos jovens, mas da própria sociedade brasileira. Da mesma forma que existe um número relativo de jovens que participam de grupos sociais, também há poucos adultos que participam. A sociedade, como um todo, tem sua parcela conservadora e sua parcela mais avançada.

Um aspecto muito significativo da

¹ **ProUni:** Programa Universidade para Todos. Instituído em 2005 pelo Governo Federal brasileiro com a proposta de oferecer a alunos de baixa renda bolsas de estudo (integrais ou parciais) em faculdades privadas, concedendo a essas isenção de alguns tributos fiscais. Através do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), o aluno terá que atingir o mínimo de 45 pontos para participar do processo. As bolsas são distribuídas de acordo com a pontuação do aluno no exame. Quanto melhor o desempenho, mais chances o aluno terá de escolher o curso e a instituição de ensino que pretende estudar. (Nota da *IHU On-Line*)

juventude é o da participação cultural. Em Belo Horizonte, por exemplo, acabou de acontecer a Bienal Internacional do Grafite. Grafiteiros, que até pouco tempo eram considerados marginais, hoje estão dentro de uma casa de exposição internacional.

IHU On-Line - Segundo os resultados da pesquisa realizada pelo Datafolha, a juventude sonha em resolver suas necessidades básicas: emprego, estudo, casa, carro. O que isso significa? As causas e lutas da juventude mudaram?

Juarez Tarcisio Dayrell - Existe uma tendência social mais ampla que tende ao individualismo. Há um discurso e uma produção midiática que incentiva esse tipo de valor. Não acredito que as questões sejam lineares e que, em função disso, haja uma aceitação passiva por parte dos jovens e a sociedade esteja mais individualista. Isso é relativo. Não só o jovem, mas a sociedade como um todo, tem um caminho diferente. Cabe às instituições socializadoras - família, escola, Igreja - incentivar o coletivo.

IHU On-Line - A possível passividade atribuída aos jovens pode ser justificada pelo aumento da sua renda mensal, que, de acordo com pesquisa da FGV, aumentou mais de 10% por ano entre 2004 e 2008?

Juarez Tarcisio Dayrell - Uma coisa não tem a ver com a outra. Não acredito nesse discurso da acomodação dos jovens. Quando eles sentem dificuldades, se mobilizam. Exemplo disso são as mobilizações em torno do passe livre. A sociedade brasileira tem a cultura da não-participação, diferente da cultura européia. Mas essa é uma questão da sociedade como um todo, não apenas dos jovens. Quais são os espaços que os jovens têm para experimentarem a participação coletiva? Será que elas estão preocupadas em criar estes espaços? Participação é algo que se aprende. Será que a sociedade e o mundo adulto estão criando estes espaços, incentivando os jovens a acreditar na ação coletiva? Esta é uma questão que está aberta, mais do que culpar os jovens de participar ou não participar.

“Não acredito nesse discurso da acomodação dos jovens. Quando eles sentem dificuldades, se mobilizam”

IHU On-Line - De que maneira as transformações da sociedade e a maior acessibilidade a bens de consumo modificaram o jovem do século XXI?

Juarez Tarcisio Dayrell - Essa nova geração passa a ser socializada em outros tempos e espaços. A família de hoje não é a mesma de 20 anos atrás. Hoje, praticamente nenhuma mãe tem condições de acompanhar o processo educacional do seu filho, devido ao trabalho e a outras dificuldades. Instituições como a Igreja e a escola mudaram, assim como mudou o contexto sociocultural onde esse jovem socializa. O avanço tecnológico interfere diretamente nas relações atuais. Isso, de certa forma, tem gerado conflitos entre alunos e professores, pois ambos foram socializados em contextos diferentes, o que suscita um desconhecimento entre eles.

IHU On-Line - O relacionamento dos jovens com a família mudou. Hoje, eles permanecem na casa dos pais até o fim da juventude. Como o senhor percebe esse fenômeno? O que pensam esses jovens sobre constituir família ou tornar-se independente?

Juarez Tarcisio Dayrell - Esse fenômeno chegou ao Brasil agora, mas já era constatado na Europa há mais tempo, principalmente entre os jovens de classe média. Isso é resultado de duas grandes variáveis. Uma delas é o próprio mercado de trabalho que, diante da própria dimensão estrutural, produz um adiamento da entrada do jovem no mercado. Hoje, o jovem estuda mais. Por outro lado, há uma melhoria dos índices sociais do país. A pobreza tem diminuído. Incentivos

como Bolsa Escola e Bolsa Família vêm atenuando a presença precoce dos jovens no mercado de trabalho, o que faz com que haja uma tendência de um alongamento maior do jovem na família.

Entretanto, nas camadas populares, a falta de perspectiva de inserção na sociedade tem levado o jovem a morar mais tempo com os pais. Na medida em que eles não têm emprego e condições de se sustentar, ficam na casa da família.

IHU On-Line - O jovem ainda tem ideologia? Ele ainda tem consciência de fazer algo em prol do coletivo?

Juarez Tarcisio Dayrell - Em parcelas da juventude, com certeza. Temos juventudes partidárias relativamente fortes, ligadas ao PCdoB, ao PT, e existem movimentos ecológicos muito ativos também. Hoje, o peso da ideologia é diferente de momentos anteriores. Isso não quer dizer que o jovem é apolítico; existem apenas outras formas de participar.

IHU On-Line - Nas campanhas eleitorais, muitos jovens se candidatam com o “discurso da renovação política”. Como o senhor avalia esse discurso? Que jovem é esse?

Juarez Tarcisio Dayrell - Existem jovens candidatos que assumem a bandeira da juventude; outros se utilizam desse discurso para angariar votos.

Temos um quadro político extremamente complexo, que precisa ser repensado. A discussão sobre a reforma política do país vem sendo adiada há muitos anos. Mas essas são discussões que estão além das questões da juventude; incluem instituições políticas e a forma como os partidos estão organizados. Abre-se um leque de questões que são desafios da sociedade brasileira, como um todo.

LEIA MAIS...

>> Juarez Dayrell já concedeu outra entrevista ao sítio do IHU. Ela está disponível em nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

Entrevista:

* *O rap e o funk na socialização do jovem da periferia. Notícias do Dia*, de 10-11-2007.

Uma fé dinâmica e atualizada

Para Lourival Rodrigues da Silva, os jovens buscam novas formas de expressar a fé, de maneira mais dinâmica e atualizada

POR PATRICIA FACHIN

Motivados pela necessidade de vivenciar uma experiência sagrada, “que lhes dê sentido à vida”, os jovens de hoje se sentem mais animados a seguir uma religião, afirma Lourival Rodrigues da Silva, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para a juventude, a religião “é um manto protetor, de segurança e sentido frente ao mundo cheio de ameaças”, explica o especialista. Essa adesão de jovens ao mundo religioso, apontada em recente pesquisa realizada pelo *Datafolha*, é justificada porque “existe uma busca para preencher um vazio que passou a tomar conta das pessoas. No tempo do ‘ser’, do ‘aparecer’ todos querem ser aceitos, reconhecidos, incluídos”. Na incansável busca da realização, “terá sucesso a religião que responder às necessidades concretas das pessoas. A onda neopentecostal exerce sobre a juventude uma atração ligada a experiências afetivas e pessoais”, aponta.

Lourival Rodrigues da Silva é graduado em Direito, pela Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns, especialista em Juventude, pela Unisinos, e mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Goiás. Atualmente, é coordenador da pós-graduação em Adolescência e juventude no mundo contemporâneo, projeto da Rede Brasileira da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje).

IHU On-Line - Que juventude se discute na academia brasileira?

Lourival Rodrigues da Silva - O debate sobre a juventude nas universidades segue a mesma onda em outros grupos sociais no Brasil e na América Latina. Uma pesquisa sobre o estado da arte (1999 a 2006), coordenada pela professora Marília Sposito,¹ constatou que há 24 mil pesquisas só nas áreas de Educação, Serviço Social e Ciências sociais, o que aponta para o surgimento de um campo de juventude na academia brasileira. Inicialmente, estudos sobre juventude na academia ficaram em torno das questões da vulnerabilidade e violência, passando também pelas questões da inclusão social de adolescentes e jovens. Recentemente, o tema tem se ampliado com as reflexões sobre a diversidade juvenil, negritude, sexualidade, gênero, ao mesmo tempo em que cresceram visivelmente as pesquisas sobre a partici-

pação social e as políticas públicas da juventude. No entanto, muitas pautas estão inviabilizadas, com necessidade de pensar o sujeito jovem em suas condições e relações com outros grupos. Os Observatórios de Juventude surgem do acúmulo de pesquisa e articulação da tematização da juventude. Experiências de *latus sensus* têm sido realizadas em algumas universidades.

IHU On-Line - Nos anos 1960, a juventude tinha amplo apoio da Igreja nas lutas políticas e sociais. Hoje, o jovem está desamparado por uma instituição que lhe dê animo para lutar por novos sonhos e direitos, ou, pelo contrário, as instituições permanecem, mas as reivindicações e os valores dos jovens são outros?

Lourival Rodrigues da Silva - Não acredito que as instituições de hoje tenham menos opção e apoio para a juventude do que nos anos 1960. Pelo contrário, observa-se um grande número de organizações, entidades, Institutos e ONGs, que têm seu foco

e missão voltados para as questões da juventude, inclusive no que se refere à participação política e social. Os valores dos jovens de hoje vêm carregados de outros valores, é inegável. A juventude tem buscado pontuar as reivindicações a partir de suas crenças, seja nas questões de estudo, trabalho, constituição de família, seja na defesa de ideologias.

IHU On-Line - Com a mudança de valores, a juventude abandonou a mística revolucionária?

Lourival Rodrigues da Silva - Seria necessário esclarecer de que juventude universitária estamos tratando, pois existem duas juventudes na universidade: uma que teve condições dignas de estudo, e que está ocupando os melhores cursos nas universidades públicas; e outra que estudou em escolas públicas de qualidade duvidosa, que organiza seu tempo para estudar e trabalhar. Existem, sim, jovens universitários que têm sonhos e acreditam em uma mística revolucionária;



“Não acredito que as instituições de hoje tenham menos opção e apoio para a juventude do que nos anos 1960. Pelo contrário, observa-se um grande número de organizações, entidades, Institutos e ONGs, que têm seu foco e missão voltados para as questões da juventude”

basta observar as manifestações diversas. Claro que não é a grande maioria – que, aliás, em época alguma foi –, o que não invalida suas “bandeiras”. Os jovens possuem muitas bandeiras, mas com a cara e rosto de hoje.

IHU On-Line - Então como ocorrem as manifestações políticas dos jovens, atualmente?

Lourival Rodrigues da Silva - Há uma visão geral de que a juventude de hoje não participa de manifestações políticas, e que a geração dos anos 1960, sobretudo 68, foi a que mais contribuiu. Pesquisas têm demonstrado que nem todos os jovens se envolvem diretamente em participação política. Todavia, a juventude deste milênio possui traços diferenciados em relação àqueles dos jovens de décadas passadas, pois sofrem influências diretas do mundo pós-moderno e globalizado. As mobilizações dos jovens dos anos 60 e 70 foram políticas. Hoje, elas são mais culturais. Os jovens têm duas posturas sobre a participação política: acreditam e sentem que ela é importante, mas, por outro lado, eles não têm disponibilidade e motivação para as formas tradicionais de se fazer política. No Brasil, a democracia representativa criou uma visão elitista no que se refere à capacidade de participar e dar opinião. Esses critérios de representação criaram um funil em que poucos são envolvidos e escutados. Os mais afetados com essa postura são os jovens dos setores de baixa renda. Eles enfrentam problemas de inserção

social que refletem diretamente nas expectativas, condições socioeducacionais e de ocupação profissional. Essa condição os inferioriza nas aspirações de serem destinatários das promessas dos meios de comunicação, da escola e do sistema político. A juventude, marginalizada, tem dificuldade de participação política pela falta de formação, dificuldade de acesso a espaços em suas próprias localidades. Mesmo com todos esses desafios, os jovens têm procurado superar a autonegação, assumindo sua realidade e auto-estima.

Ações concretas

As formas de participação política da juventude estão marcadas pelas redes, as quais têm se constituído como células para construção de vínculos entre jovens que têm um mesmo desejo.

A idéia da rede carrega a leveza de uma estrutura descentralizada e com maior liberdade de diálogo entre os participantes. A Internet é o maior exemplo disso. É necessário reconhecer os jovens como sujeitos de direito, portadores de capacidades e potencialidade para a atuação, participação, intervenção, definição dos rumos de suas vidas, e não somente como dependentes das concepções e limites impostos pelo mundo adulto.

IHU On-Line - Segundo a pesquisa do Datafolha, apenas 10% dos jovens entrevistados não seguem uma religião. Qual a relevância das igrejas e das crenças na vida do jovem brasileiro?

Lourival Rodrigues da Silva - A religião para os jovens brasileiros é muito importante. Eles buscam novas formas de expressar a fé de maneira mais dinâmica e atualizada.

Considero que a juventude tem três atitudes em relação à religião: ela é importante, cabe a cada um acreditar do seu modo; acreditam e participam, se limitando a participações eventuais ou acreditam e participam ativamente dos grupos da igreja; e buscam o espaço religioso, motivados pela necessidade de vivenciarem uma experiência sagrada, que lhes dê sentido à vida. Esse sagrado é menos exigente e não institucional. A religião para eles é um manto protetor, de segurança e sentido frente ao mundo cheio de ameaças. É uma religião mais privada, sem preocupação pelas necessidades dos outros.

Existem nas igrejas – como em outros ramos da sociedade – dois tipos de jovens. O primeiro é o de contestadores, que buscam outros modelos de praticar a fé, que apresentam uma postura crítica referente aos cultos e missas. Eles acham esses eventos desinteressantes, demorados, desatualizados. Reclamam ainda da hipocrisia, das proibições dogmáticas, das cobranças, das taxas, e do autoritarismo etc. Pautam sua ação na doutrina social, atuando na perspectiva da formação processual. O segundo grupo é constituído por aqueles que defendem uma postura mais conservadora, da preservação de valores e dogmas.

IHU On-Line - As opiniões dos jovens em relação ao sexo e ao uso de contraceptivos são, em boa medida, diferentes das defendidas pela Igreja Católica. Como o senhor percebe essa opção da juventude?

Lourival Rodrigues da Silva - Há uma necessidade de abertura por partes das igrejas na forma de lidar com o corpo e a sexualidade. A religião é uma escola pessoal, na qual as pessoas querem viver o sagrado, mas desejam, por outro lado, estar livres para definirem suas práticas.

Creio que os jovens que têm mais consciência do seu corpo, dos riscos que correm, estão se protegendo, sem que isso interfira em sua fé. Eles não

se sentem culpados com as proibições de bispos ou pastores.

IHU On-Line - Em contrapartida, outro fenômeno tem chamado atenção nos últimos anos: a freqüente adesão de jovens a igrejas evangélicas que prometem sucesso profissional e um futuro promissor. Essas instituições defendem ainda o sexo após o casamento. Que jovem é esse que está em busca de “valores morais”?

Lourival Rodrigues da Silva - Existe uma busca para preencher um vazio que passou a tomar conta das pessoas. No tempo do “ser”, do “aparecer”. todos querem ser aceitos, reconhecidos, incluídos. Assim, terá mais sucesso a religião que responder às necessidades concretas das pessoas. A onda neopentecostal exerce sobre a juventude uma atração ligada a experiências afetivas e pessoais.

A religião passou a adequar-se aos aspectos neoliberais e mercadológicos, prometendo melhoras materiais e de consumo. A resposta principal para este sucesso promissor está pautada em uma teologia da retribuição, em que a negociação com a divindade é a moeda de troca. Esse modelo de espiritualidade emocional e de grandes eventos é aceito pelas igrejas e reforçado como condição de sobreviver com maior número, e sem a perda de fiéis. Assim, a religião, com seu sistema de práticas, consegue influenciar no modo de ser e se comportar dos jovens, apresentando-lhes motivações e simbologias para seu existir. Algumas igrejas têm buscado responder a este apelo juvenil, oferecendo espaços mais dinâmicos aos jovens. Utilizam instrumentos musicais: baterias e guitarras. Os evangélicos e o Movimento Carismático Católico têm buscado uma “abertura” para a diversidade juvenil. Ouvem-se shows com danças e músicas de rock pop, gospel, hip hop, funk, country e até mesmo sertanejo, em contraste com os mantras dos mosteiros e os cantos reivindicatórios. Há os que desejam uma religião com centralidade nas emoções, em que a figura da autoridade é muito importante. Novamente, creio que este modelo de religião responde não só aos jovens, mas a outras pessoas que querem sentir segurança frente à realidade.

Juventude: idêntica e diferente

Hilário Dick avalia os resultados da pesquisa do Datafolha, sobre o perfil do jovem do século XXI

POR PATRICIA FACHIN

Podemos dizer que o jovem contemporâneo é conservador, acomodado? Para o pesquisador Hilário Dick, militante experiente e engajado com a juventude, a resposta é negativa. Ao comentar, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, os percentuais apresentados pela pesquisa do *Datafolha*, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, no mês de julho deste ano, ele afirma que os dados revelam “falta de amadurecimento”. E dispara: “Os jovens, apesar de tudo, não deixam de repetir o que a sociedade” e os “meios de comunicação social apresentam como vontade popular”.

Dick é graduado em Teologia, pela Pontifícia Faculdade do Colégio Máximo Cristo Rei, e em Filosofia e em Letras, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre e doutor, também em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é coordenador do Observatório Juvenil do Vale/Unisinos. Entre seus vários livros publicados, citamos *Gritos silenciados, mas evidentes – Jovens construindo juventude na história* (São Paulo: Loyola, 2003) e *Cartas a Neotéfilo – Conversas sobre assessoria para grupos de jovens* (São Paulo: Loyola, 2005).

IHU On-Line - O senhor desenvolve trabalhos com a juventude há 35 anos. Como percebe a realidade dos jovens, atualmente? A juventude, nesse período, mudou muito a sua postura política e social?

Hilário Dick - Muitos educadores trabalham com jovens há mais de 35 anos. A novidade talvez esteja na maneira como estou nesse campo, de algum modo fora de instituições como a escola, a universidade (pelo menos como professor) e, até, como pai de família ou vigário de alguma paróquia. Embora trabalhe em instituições formais de educação da juventude, o que caracteriza a minha missão é o espaço informal, aonde os “clientes” vão porque querem, como opção pessoal e não como obrigação da sociedade, da família e do próprio sistema. Secundarizei a carreira magisterial formal para exercer o magistério de outro modo. Atrevo a chamar-me, de educador de jovens através de cursos, encontros, escritos, pesquisas, assembleias, retiros,

acompanhamento de grupos e de coordenações, formação de assessores/as de jovens etc. Esta informalidade tem muito a ver com desvio social, procurando fazer o mesmo de outra forma, em desvios necessários para qualquer instituição. Essa outra forma na intervenção e no estudo de jovens faz que a percepção da realidade juvenil seja outra. Oportuniza-se a possibilidade de ouvir um outro discurso juvenil, cuja alteridade é necessária para uma visão integral.

Assim como tivemos um feudalismo, temos agora um lento (rápido?) caminho capitalista, onde os valores norteadores vão tomando feições específicas. Essa mudança vivida por todos é diferente no adulto e no jovem. Este pega o trem andando. Andamos no mesmo trem, mas as estações de embarque são diferentes. O que alguns já viram faz pensar que a “próxima estação” seja semelhante. O mesmo não ocorre com os que estão embarcando pela primeira vez. Vêm coisas que os antigos

são levados a não ver. Estar aberto a esta novidade do não visto nem vivido é um desafio que se apresenta para qualquer educador de jovens. A beleza está na capacidade de não estar carregando somente velharias ou caminhos já feitos. Assim como a eterna novidade pode ser um mal, a eterna velhice é, certamente, uma desgraça. É o que me faz pensar que a juventude é sempre o idêntico e o diferente. A história ensina que o estabelecido, o já vivido etc., tem a tendência de acomodar-se porque o novo, além de ser imprevisível e inseguro, incomoda. Mesmo que saibamos que tudo é processo, existe um gosto profundo na acomodação porque somos levados a pensar que o mistério não existe. A convivência com a juventude em ambiente informal, por isso, marcou-me e me marca e me faz, também, social e politicamente inquieto.

IHU On-Line - É possível traçar um perfil único de jovem do século XXI? Em que medida as diferenças de classe criam universos juvenis diferentes?

Hilário Dick - Sem deixar de dizer que precisamos de parâmetros para a análise da realidade juvenil, a juventude não existe. Sem acreditar que se impõe a impossibilidade de falar validamente de coisas genéricas, o que faz a diferença não é só o lado econômico. É preciso ter presente – dentro de um parâmetro – os aspectos psicológico, cultural, sociológico, biológico (cronológico), o jurídico e – uma descoberta mais recente – o teológico.¹ Claro que há universos juvenis diferentes, mas se complementam. O “relógio da biologia” feminina, por exemplo, não é o mesmo no rapaz e na menina; uma menina ou um rapaz da periferia pobre não é o mesmo do rapaz do centro; um jovem negro ou

1 Refiro-me ao Documento da CNBB intitulado “Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas Pastorais” aprovado na Assembleia Geral da entidade em maio de 2007. Uma das grandes novidades do documento é a apresentação da juventude como “lugar teológico” ou, então, como “realidade teológica” (nº 80 e 81). (Nota do entrevistado) Sobre o documento, as Notícias do Dia do sítio do IHU entrevistaram, além de Hilário Dick, o padre Gislei Azevedo Gomes. As entrevistas foram publicadas em 06-06-2007. (Nota da IHU On-Line)

“Um desafio que se apresenta, tratando de juventude, é o da capacidade não só de saber ver emergir alguns fenômenos juvenis, mas saber perceber o significado dessa emergência”

uma jovem negra não é o mesmo de um jovem ou uma menina brancos; a geração dos anos 1960 não é a mesma da geração de 2004; o/a jovem do interior do sertão nordestino não é o/a mesmo/a do/a jovem que nasceu em Blumenau, divertindo-se com roupas típicas na Oktoberfest. A juventude é a mesma? Repito: precisamos de parâmetros.

IHU On-Line - 68% dos jovens entrevistados pelo Datafolha são favoráveis à criminalização do aborto, 50% defendem a pena de morte, 72% são favoráveis à criminalização da maconha. Esses percentuais demonstram que o jovem brasileiro está mais conservador?

Hilário Dick - A pesquisa apresenta a postura dos/as jovens sob vários aspectos: o aborto, a pena de morte, a maconha, a idade mínima para ir à prisão (redução da maioridade penal), o acompanhamento ao noticiário político, a postura política e sobre a importância de 11 itens (família, saúde, trabalho, estudo, lazer, amigos, religião, sexo, dinheiro, beleza e casamento), contexto em que aparecem as porcentagens apontadas. Olhando esse quadro, podemos dizer que os valores que estão no topo são a família, a saúde,

o trabalho e o estudo (todos acima de 90%) e que os que estão na base são o dinheiro, a beleza e o casamento (na base dos 70%). No meio desses dois extremos, um tanto perdidos, estão o lazer, os amigos, a religião e o sexo. Pode-se dizer que há discursos estranhos com relação ao significado do dinheiro e da beleza (aparência) e com relação à importância que tem o lazer, os amigos, a religião e o sexo – assuntos que mereceriam aprofundamento. Os dados citados não revelam conservadorismo; revelam falta de amadurecimento. As respostas são da “flor da pele”; não são de raiz porque foram induzidas.

IHU On-Line - Como compreender que 68% dos jovens defendem a criminalização do aborto e em contrapartida, 46% são favoráveis à idade penal entre 16 e 17 anos?

Hilário Dick - Os jovens, apesar de tudo, não deixam de repetir – principalmente em assuntos como estes – o que a sociedade e o sentimento são levados a dizer e, de modo muito especial, o que os meios de comunicação social apresentam como vontade popular. Qual a opinião que eles encontram com adultos, educadores sobre este assunto? Qual a argumentação que bebem para irem amadurecendo seu posicionamento? Quem é, nesse assunto, conservador? Quem colocou no meio do campo a discussão de que a diminuição da maioridade penal seria a solução? Certos assuntos não se resolvem pela porcentagem de opiniões, mas de formação de consciências.

IHU On-Line - O jovem do século XXI ainda trata questões referentes à sexualidade e ao aborto como um tabu?

Hilário Dick - Mesmo que pareça que não, há sintomas que dizem que sim. Voltando à pesquisa do Datafolha, ela fez duas perguntas para as mulheres: se elas já fizeram aborto e se alguma amiga delas já fez aborto. O resultado é estranho: se somente 4% admitem que já fizeram aborto (as que mais admitem são as que têm de 22 a 25 anos), 33% afirmam saber de amigas que fizeram e 57% diz não ter

informação sobre isso. Seria medo ou certo tipo de solidariedade, procurando esconder o que sabem? No mínimo, estamos frente a um tabu, mesmo que signifique falta de informação. Por outro lado, pesquisar a vivência sexual da maneira como se vê, também em pesquisas, muitas vezes como mera curiosidade, não é tabu?

IHU On-Line - Como o senhor percebe a atuação política dos jovens brasileiros? O fato de eles não estarem engajados com tanta veemência nos partidos políticos demonstra uma apatia política, ou pelo contrário, significa que eles estão buscando outras maneiras de “fazer política”?

Hilário Dick - Respondo com dados que a pesquisa oferece. Ela fez duas perguntas: uma sobre que tipo de organização o/a jovem participa e outra sobre a religião deles/as. Por um lado, vemos que 45% afirmam que não participa e, por outro, vemos que 39% participam das igrejas, 24% de trabalho voluntário, 12% de organizações ecológicas, 18% de entidades estudantis, 7% de partidos políticos etc. Para a minha matemática, estes dados significam que 55% de jovens se afirmam partícipes e ser partícipe é ser político. A apatia juvenil é afirmada por quem ainda não aprendeu ou não quer aprender a ler os discursos que os jovens fazem.

IHU On-Line - Você relacionaria essas reflexões com o que escreve em “Emergências e percepção de novos valores na juventude”?

Hilário Dick - Um desafio que se apresenta, tratando de juventude, é o da capacidade não só de saber ver emergir alguns fenômenos juvenis, mas saber perceber o significado dessa emergência. A reflexão completa que faço sobre isso pode ser encontrada no blog do Observatório Juvenil do Vale (www.observatoriojuvenildovale.blogspot.com). O Maio de 68,³ por exemplo, emergiu mundialmente de forma impressionante. Até hoje se

2 Artigo disponível no blog do Observatório Juvenil do Vale/Unisinos, no endereço <http://www.observatoriojuvenildovale.blogspot.com/> (Nota da IHU On-Line)

3 Sobre Maio de 68, leia a IHU On-Line número 250, de 10-03-2008, intitulada *Maio de 1968: 40 anos depois* (Nota da IHU On-Line)

“Diria que amar a juventude é uma graça e a graça não se compra nem é fruto de uma atitude meramente voluntarista”

está percebendo o que sucedeu 40 anos atrás. Trata-se de entender o discurso da juventude não só no que eles defenderam, escreveram, mas também no que fizeram e nem sabiam o que estavam dizendo. Lendo as porcentagens de uma pesquisa estamos querendo ler um discurso. Por isso, na pesquisa sobre a emergência de valores na juventude de São Leopoldo (RS), intitulamos a publicação da leitura dos dados de “Discursos à beira do Sinos”;⁴ numa outra pesquisa em andamento, estamos querendo ler a percepção dos/as jovens sobre a violência. É a importância do “discurso”. Estou convicto, além disso, de que na leitura que se faz sobre a realidade juvenil não pode faltar a vontade de entender “as sementes ocultas do Verbo” (Vaticano II, *Gaudium et Spes*) manifestando-se na juventude, sendo a juventude um “lugar” ou uma “realidade” teológica. Uma qualidade do pesquisador sobre juventude é estar encantado com ela, o que não rouba, mas enriquece a objetividade científica que precisa haver no estudo da realidade juvenil.

IHU On-Line - Que importância o jo-

⁴ *Discursos à Beira dos Sinos. A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo* é o título dos *Cadernos IHU* número 18, de 2006, que traz resultados parciais da pesquisa em andamento intitulada “A emergência de novos valores na juventude: o caso de 17 municípios do Vale do Rio dos Sinos (sul do Brasil) e 13 municípios da região metropolitana de Goiânia (centro-oeste do Brasil)”. (Nota da IHU On-Line)

vem atribuí à aparência? Em que medida esse percentual pode ser analisado como negativo ou positivo para a juventude?

Hilário Dick - Pela idade e pelo momento que o/a jovem vive a aparência é fundamental. Eles gostam e têm direito de aparecer para dizer que “estão aí” e que são bonitos/as. O consumo, contudo, se aproveita disso e todos vemos a importância que vai tendo o corpo. A utopia social é substituída pela utopia corpórea. A utopia sou eu mesmo; o outro/a não existe. A utopia é o próprio umbigo. É o uso ideológico do corpo juvenil. O item da aparência merece duas páginas da *Folha de S. Paulo*, embora tenham sido feitas somente cinco questões relacionadas à aparência e que não deixam de sair do campo do exótico: a aparência em geral, o peso, as partes do corpo dos quais o/a jovem gosta mais e menos, sobre o desejo de fazer plástica e sobre algum tipo de atividade física. Impressiona a por menorização das partes que os jovens querem mais e menos, do cabelo aos pés. Se a auto-estima é fundamental, a auto-estima que se vê fomentada é uma desgraça.

IHU On-Line - O que esse “espírito jovem” lhe ensinou até agora?

Hilário Dick - Se entendi bem a pergunta, ela se refere ao proveito que se tira no trabalho com a juventude no espaço informal. Todos deveriam ter, na vida, uma causa. Uma causa que seja compromisso e fonte de realização. Uma causa que não seja algo externo. Ela se deve enraizar nas entranhas. Ela precisa ser “comida” e “ruminada” todo dia. Assim como nos alimentamos nela, ela nos “come” e nos “rumina”. É uma dimensão da vida que, apesar de ser vivida por um/a idoso/a, ajuda a sabermos ver, em tudo, a novidade do mistério que é o universo. O/A jovem não quer ver no adulto alguém que se iguale com ele/a, mas alguém no qual podem ler, na velhice do universo, no/a adulto/a, no avô ou na avó, que a vida é novidade. Diria que amar a juventude é uma graça e a graça não se compra nem é fruto de uma atitude meramente voluntarista.

Em busca do Reino dos Céus?

Com a promessa de um futuro promissor, jovens são atraídos pelas igrejas neopentecostais, diz Karina Bellotti

POR PATRICIA FACHIN

“**A** Teologia da Prosperidade ensina que ganhar dinheiro não é pecado, e que Deus criou todos para serem felizes e desfrutarem da vida aqui e agora.” Com essa mensagem, e dispostas a acolher a juventude com seus medos, angústias, e principalmente com o “seu jeito de ser”, as igrejas neopentecostais estão se tornando um sucesso entre os jovens brasileiros. Segundo a especialista em religião Karina Bellotti, o público juvenil está em busca de “um porto seguro”, quer estabilidade, um espaço para se engajar em projetos, e desejam se sentir importantes. Ao valorizar as questões financeiras, aponta a pesquisadora, pode ser que as igrejas “ensinem aos jovens o valor do dinheiro, a importância de estabelecer metas e de batalhar por elas”.

Mestre em História, pela Unicamp e doutora em História Cultural, pela mesma universidade, Karina Bellotti é autora do livro *A mídia presbiteriana no Brasil. Luz para o caminho* (São Paulo: Annablume, 2005). Confira a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Como explicar o sucesso das igrejas neopentecostais entre os jovens?

Karina Bellotti - São igrejas que abrem vários espaços para esses jovens atuarem com uma linguagem própria e um variado jeito de ser. Há tanto igrejas com públicos jovens específicos como a Bola de Neve¹ (surfistas, esportes radicais) e igrejas que possuem ministérios jovens, com música, louvor, bandas e corais.

IHU On-Line - Como compreender a adesão da juventude a igrejas evangélicas que prometem um casamento estável e um futuro próspero, num mundo pós-68 (momento em que jovens reivindicaram liberdade sexual, por exemplo)?

Karina Bellotti - O fato de igrejas te-

¹ Bola de Neve: igreja evangélica neopentecostal fundada em 2000 pelo surfista Rinaldo de Seixas Pereira, opastor Rina. Pra maiores detalhes, consulte o sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), nas Notícias do Dia, em 06-09-2008, o artigo “Jovens evangélicos. Eles são diferentes. E adoram isso”. (Nota da IHU On-Line)

“São igrejas que abrem vários espaços para esses jovens atuarem com uma linguagem própria e um variado jeito de ser”

rem ministérios voltados para jovens não significa que são igrejas com discurso liberal em termos de costumes e valores. Justamente por manterem o discurso conservador e prometerem uma estabilidade desejada por muitas pessoas que vivem, por exemplo, num contexto de violência, de diversas configurações familiares e de dificuldades financeiras, é que elas fazem tanto sucesso.

IHU On-Line - Como a senhora avalia, em contrapartida, os jovens que iniciam a vida sexual mais cedo (entre 12 e 13 anos), e que mantêm relações sexuais com mais de um parceiro? O que diferenciam esses dois

universos juvenis?

Karina Bellotti - É fato que muitos jovens, atualmente, têm uma conduta sexual diferente do que foi ensinado às gerações anteriores, o que se traduz em um maior número de casos de gravidez na adolescência, com todos os efeitos que essa situação causa às jovens mães: abandono da escola, subemprego, entre outros. Porém, o fato de os adolescentes evangélicos seguirem igrejas com um discurso conservador não os livra automaticamente dos problemas do “mundo”. Se, por um lado, há uma rede social mais vigilante dos costumes desses jovens evangélicos, por outro, eles vivem em um mundo em que muitas decisões

estão nas mãos deles e não da igreja. Por isso, compete a cada um viver segundo as crenças e práticas em que acreditam.

IHU On-Line - Em que sentido as igrejas neopentecostais estão criando novas identidades juvenis?

Karina Bellotti - Acredito que elas não criam muitos universos juvenis, mas sim se apropriam de identidades que já existem na cultura jovem, para adaptá-las conforme sua mensagem. O uso de música, ritmos pop nos cultos, a criação de espaços de diversão “sadia”, segura, com tudo o que agrada à moçada, como a Cristoteca ou pubs evangélicos, mas sem drogas, álcool e sexo livre, são bons exemplos para ilustrar essa realidade.

IHU On-Line - O que os jovens estão buscando através da religião? Eles tentam, através dela, suprir algumas carências e anseios? Como a senhora os caracteriza?

Karina Bellotti - Assim como há diferentes jovens, há diferentes tipos de busca. Uns querem estabilidade, tradição, um porto seguro. Outros querem um espaço de sociabilidade seguro, sem abdicar da cultura pop; outros querem paz interior, respostas para suas angústias. Muitas vezes, querem ter um espaço para se engajar em projetos, exercitar suas habilidades artísticas, sentirem-se importantes e atuantes. Há diversas religiões, o que permite acomodar diversos tipos de desejos e anseios. Se o jovem se cansa de uma, pode procurar outra, assim como qualquer adulto.

IHU On-Line - A política do acolhimento adotada pelos evangélicos faz a diferença na captação de fiéis jovens?

Karina Bellotti - Com certeza, pois é importante que o jovem não se sinta julgado pela roupa que veste, pelo visual, pela linguagem. Se uma igreja – independente da denominação – aceita o jovem como ele é, e promove um espaço para ele se sentir bem, subirá no conceito desse jovem, e poderá até receber mais membros da sua turma.

IHU On-Line - A teologia da ascensão material é evidente nas igrejas neopentecostais. Quais os valores que elas ensinam aos jovens? Que tipo de juventude essas igrejas estão criando?

Karina Bellotti - Essa Teologia da Prosperidade ensina que ganhar dinheiro não é pecado, e que Deus criou todos para serem felizes e desfrutarem da vida aqui e agora. Também trabalham com a idéia de que, para alcançar o sucesso financeiro, é preciso estabelecer uma relação de troca financeira com Deus intermediada pela igreja, pelo pagamento de dízimos e ofertas. Há quem critique essa prática, pois estaria estimulando o materialismo. Porém, ao dar atenção ao dinheiro, pode ser que elas ensinem aos jovens o valor do dinheiro, a importância de estabelecer metas e de batalhar por elas. Mas somente o futuro nos dirá sobre a influência da Teologia da Prosperidade na vida da juventude.

IHU On-Line - As práticas empresariais adotadas pela igreja evangélica vão de encontro aos sonhos dos jovens?

Karina Bellotti - São muitos os jovens, e cada um possui sonhos diferentes. Pela pesquisa Datafolha, vemos que os sonhos mais comuns dos jovens são emprego, uma vida familiar feliz, casamento. Assim, essas igrejas promovem coisas que estão de acordo com os sonhos dos jovens, e também de muitas pessoas que desejam entrar – e permanecer – no mundo do consumo, no mundo do bem-estar pleno (físico, material, espiritual) como ocorre com as pessoas que aderem a essa igreja e a outras que possuem orientação semelhante.

LEIA MAIS...

>> Karina Bellotti já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Para conferir a íntegra do material, acesse as Notícias do Dia no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *A mídia religiosa e a reafirmação de identidades*. Notícias do Dia, de 15-05-2006;

* *Delas é o reino dos céus*. Notícias do Dia, de 03-04-2007.

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA
IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Perfil

Depois de ouvir a opinião dos pesquisadores, a IHU On-Line conversou com alguns jovens para saber que sonhos e preocupações compõem o imaginário juvenil. Confira.

ENTREVISTAS E FOTOS GREYCE VARGAS

Paula Basei, 24 anos, estudante de Publicidade e Propaganda

Renda pessoal: Cinco salários mínimos.

Sonhos: Ser bem-sucedida e conhecer o mundo.

Esperanças: Que o mundo seja mais profissional.

Medos: Tenho medo de ser uma pessoa inteligente, mas fracassada, sem grana para nada e com um subemprego.

Fé: Acredito que tudo pode melhorar.

O que é ser jovem hoje?: É viver sob muita pressão! As coisas estão mais difíceis do que antigamente, como, por exemplo, conseguir um bom emprego. Antigamente isso era mais fácil, hoje é preciso muito mais qualificação, falar várias línguas e ter várias funções. Claro que é mais fácil comprar as coisas que queremos, mas ter um futuro digno é mais complicado.



Luciano da Silva Siqueira, 15 anos, é aluno da 7ª série do Ensino Fundamental

Renda pessoal: Não trabalha.

Sonhos: Jogar num time importante de futebol.

Esperanças: Espero ser feliz.

Medos: Tenho medo de perder algum parente.

Fé: Tenho fé de que vou encontrar meu pai.

O que é ser jovem hoje?: É poder cumprir regras e desrespeitar algumas delas. É sempre estar ao lado dos parentes e dos amigos.

Paola do Nascimento, 15 anos, é aluna da 5ª série do Ensino Fundamental

Renda pessoal: Não trabalha.

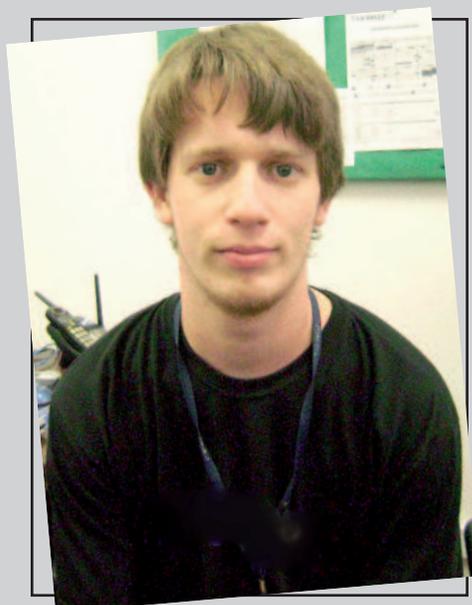
Sonhos: É fazer uma faculdade e me formar.

Esperanças: Espero que um dia o mundo melhore.

Medos: Tenho medo de perder meus pais e meu irmão.

Fé: Até pouco tempo, eu dizia que não tinha fé em Deus, mas eu comecei a acreditar.

O que é ser jovem hoje?: É aproveitar as coisas boas da vida, sem sentir medo.



Rodrigo Vian, 22 anos, estudante de Engenharia de Telecomunicações
Renda pessoal: 2,5 salários mínimos.

Sonhos: Atuar em grandes empresas de telecomunicações almejando cargos de importância internacional e constituir uma família feliz e unida.

Esperanças: Viver em um mundo mais digno e correto, onde as pessoas se respeitem e respeitem o local que vive.

Medos: Tenho medo de ficar sozinho.

Fé: Em Deus.

O que é ser jovem hoje?: Ser jovem hoje é ter fibra, garra e determinação para alcançar objetivos de vida. Significa viver pelo futuro e buscar espaço em um mundo tão egocentrista.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Relação universidade e empresa: a academia a serviço da sociedade

Os pesquisadores Achyles Barcelos, Janaína Ruffoni e Daniel Puffal falam sobre pesquisa nacional

POR GRAZIELA WOLFART

Em que sentido as universidades e as empresas podem se ajudar mutuamente? Pois é no intuito de verificar esse processo de interação que está sendo realizado no país o projeto de pesquisa “Interações de universidades e institutos de pesquisa com empresas no Brasil”. Para pesquisar a realidade no estado gaúcho, o professor Achyles Barcelos da Costa, dos PPGs de Economia e de Administração da Unisinos, a professora Janaína Ruffoni, doutoranda na Unicamp, e Daniel Puffal, doutorando no PPG em Administração da Unisinos, foram convidados para serem coordenadores da pesquisa no Rio Grande do Sul. E é sobre ela que eles falam na entrevista que segue, concedida pessoalmente à IHU On-Line.

IHU On-Line - Vocês podem falar sobre a natureza da pesquisa que estão desenvolvendo e qual o andamento do trabalho?

Achyles Barcelos - Essa é uma pesquisa nacional, iniciada em 2006, cujo nome é “Interações de universidades e institutos de pesquisa com empresas no Brasil”. Ela tem como coordenador geral o professor Wilson Suzigan, da Unicamp, e o professor Eduardo Albuquerque, da Universidade Federal de Minas Gerais como coordenador executivo. Está dividida no país em várias instituições responsáveis. Em São Paulo, temos a Unicamp, a USP, a UFSCAR, a Unesp, a USP/Ribeirão Preto, a UNISAL e a FEI. Estão envolvidas também a UFF, do Rio de Janeiro, a UFMG, a UFPR, a UFSC, a Unisinos, a UFPA, a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Estadual do Mato Grosso, alcançando todas as regiões do país. É importante assinalar que essa pesquisa se articula com uma outra pesquisa de âmbito internacional, a qual está em andamento desde 2004 e é coordenada pelo professor Richard

Nelson, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. O seu objetivo é avaliar como as relações entre as universidades e institutos de pesquisa com as empresas podem contribuir para processos de desenvolvimento nesses países chamados emergentes, onde está sendo realizada a pesquisa.

IHU On-Line - Quais são os países envolvidos?

Achyles Barcelos - São onze. México, Costa Rica, Argentina, Brasil, Coréia do Sul, China, Índia, Malásia, África do Sul, Nigéria e Uganda.

IHU On-Line - Quais as principais metas da pesquisa?

Achyles Barcelos - Uma delas é ver como estão os fluxos de informação de universidades para empresas e vice-versa, em âmbito nacional, e se é possível identificar algum padrão mais denso dessa interação em âmbito regional.

Janaína Ruffoni - É importante dizer que se trata de uma pesquisa sobre a interação entre universidades e empresas envolvendo todas as instituições de ensi-

no superior brasileiras, públicas e privadas. Nosso ponto de partida é o censo do diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Foram feitas análises a partir desse censo, que é a primeira fase da pesquisa. Identificamos ali quantos grupos de pesquisa há no Brasil. Depois, vimos quantos desses informam que possuem interação com o setor produtivo. A partir disso, vemos em quais áreas de conhecimento é mais comum a existência de interação. A segunda etapa é a que estamos envolvidos agora. Trata-se da aplicação de um questionário aos líderes dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq. É uma coleta de dados primária.

IHU On-Line - Que tipo de pergunta é feita nesse questionário?

Janaína Ruffoni - Perguntamos com quem esses grupos interagem, com quais empresas; se a idéia da interação partiu da universidade ou da empresa; quais os principais resultados já obtidos com essa interação; quais foram as principais fontes de financiamento dessa interação. Vamos coletando esses dados, que depois serão confrontados com os da-

“A pesquisa ainda está em processo, mas serve para percebermos qual é o nosso estágio nessa comparação, e ver as experiências internacionais, os ritmos dos outros países”

dos de outros estados brasileiros, para tentar traçar um perfil dessa interação. Essa pesquisa com os líderes dos grupos de pesquisa do CNPq é feita em todo o Brasil, utilizando o mesmo questionário. Esse questionário é aplicado virtualmente, está hospedado na página eletrônica da pesquisa na Universidade Federal de Minas Gerais, e os líderes recebem o link do questionário por e-mail.

Achyles Barcelos - Nessa etapa com os líderes dos grupos de pesquisa, identificamos, no censo de 2004 do CNPq, a existência no Rio Grande do Sul de 2.072 grupos de pesquisa. Desses, um total de 265 grupos declararam ter interação com empresas, abrangendo 209 empresas. Desde maio, estamos nessa função, contando com a colaboração desses profissionais. Hoje já temos 99 questionários preenchidos. Essa é uma boa taxa de resposta, de quase 40%, e está acima da média internacional, que fica entre 20 e 30%. Na próxima etapa teremos a aplicação de questionários para as empresas.

IHU On-Line - Vocês poderiam falar um pouco mais sobre o que caracteriza a natureza dessa relação entre universidades e empresas?

Janaína Ruffoni - Um dado interessante é que cerca de 10% dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq declararam ter interação com o setor produtivo no Rio Grande do Sul. E as áreas de conhecimento em que as interações aparecem com mais frequência são as “ciências exatas e da terra”, “ciências agrárias” e “engenharias”.

IHU On-Line - Quem procura mais pela interação, as universidades ou as empresas?

Janaína Ruffoni - Ainda não temos os dados estatísticos dos questionários formalizados, mas depende muito da área do conhecimento. Acontece bastante de

a empresa procurar a universidade em busca de um serviço tecnológico, fazer algum teste em laboratório.

IHU On-Line - Vocês podem dar exemplos práticos dessa interação entre universidades e empresas?

Achyles Barcelos - Existem a consultoria, o serviço tecnológico, a formação de recursos humanos. Existem alguns canais dessa interação. O que não temos ainda são esses dados consolidados, porque a pesquisa está em andamento.

IHU On-Line - Qual a expectativa de vocês, enquanto pesquisadores, para o resultado da pesquisa no momento da comparação entre os países, lembrando que são todos em desenvolvimento?

Achyles Barcelos - Por enquanto é tudo preliminar, pois, como mencionei, a pesquisa ainda está em processo, mas serve para percebermos qual é o nosso estágio nessa comparação, e ver as experiências internacionais, os ritmos dos outros países. Sabe-se que países desenvolvidos têm um padrão de interação também bastante desenvolvido, onde essa interação entre universidades e empresas é mais intensa. Em países menos desenvolvidos ela é menos intensa. O ponto é ver como, a partir do diagnóstico que será obtido pelos questionários da pesquisa, podem-se estabelecer políticas no âmbito das empresas e das universidades, para se alcançar uma melhor interação.

IHU On-Line - Em que medida essa pesquisa mostra que a academia pode ser mais útil para a sociedade?

Achyles Barcelos - Essa é a contribuição da universidade: levantar os problemas, discutir, apontar caminhos. A universidade é o âmbito da discussão. Desta pesquisa, saem algumas indicações, alguns subsídios, não apenas para as universidades e para as empresas, mas também para as políticas públicas.

**CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA
IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

Teologia Pública

As “veias abertas” da Igreja

Pe. José Marins, considerado o apóstolo incansável das CEBs em toda a América Latina, faz uma análise da conjuntura eclesial latino-americana

POR GRAZIELA WOLFART

Ao citar tarefas necessárias para transformar a Igreja latino-americana atual, o padre brasileiro José Marins, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, lembra que “as repressões a teólogos e outros intelectuais está dificultando toda reflexão criadora. A teologia vai estacionar”. Para o teólogo e escritor, “o catolicismo oficial não está conseguindo falar uma linguagem inteligível para os contemporâneos marcados por uma nova cultura científica e com extraordinário acesso aos recursos da informática”. Pe. Marins considera inadiável a tarefa de reconstruir o nível de base da Igreja, em forma de rede. Ele enfatiza que é preciso criar redes de apoio, apostar no pequeno articulado e retomar o ecumenismo.

Depois de trabalhar na Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) e no Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) por trinta anos, Pe. José Marins tem animado um grupo itinerante de pastoral dedicado à promoção das comunidades eclesiais, como a instância da Igreja local – o mais antigo e o mais novo modo de ser Igreja. Mais antigo porque vem das primeiras comunidades cristãs (Atos e Cartas Apostólicas); mais novo porque é a perspectiva do Concílio Vaticano II. Acompanhado por sua equipe, não tem residência fixa; viaja pelo mundo todo fundando e animando comunidades, visitando-as periodicamente. De sua extensa produção bibliográfica, com mais de 50 obras publicadas, citamos *The church from the roots: basic ecclesial communities* (London: Cafod, 1989) e *De todas as raças e nações* (São Paulo: Paulinas, 2008).

IHU On-Line - Como o senhor define, de modo geral, a realidade eclesial latino-americana atual? Como avalia a relação do Vaticano com a Igreja da América Latina?

José Marins - Nossa Comunidade Católica está dando passos importantes e positivos no que se refere à formação bíblica, principalmente no nível mais popular. Certamente, está surgindo um laicato mais maduro, mais consciente e preocupado com os grandes desafios da realidade contemporânea social e eclesial. Há uma busca de espiritualidade Cristocêntrica e Trinitária. A nos-

sa reflexão teológica continua mantendo a sua originalidade metodológica e também temática. Além disso, ela tem dado contribuições sobre temas como Reino, Povo de Deus, pluralismo religioso e Jesus histórico. O aspecto socioeconômico, político e ecológico, com insistência, no que se refere ao meio ambiente, aparece já quase como rotina nos planos e documentos pastorais. Nem sempre, porém, como uma análise das causas estruturais.

A dimensão ecumênica, mais do que o diálogo com outras tradições religiosas, vai passando lentamente da

esfera dos especialistas para o nível de base, de modo particular na experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A 5ª. Assembléia Geral do Episcopado,¹ mesmo com limitações, confirmou a metodologia e as opções das assembleias anteriores.

As dificuldades

Por outro lado, usando a expressão de Eduardo Galeano,² a Igreja Católica

¹ Sobre o tema, confira a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-06-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*. (Nota da **IHU On-Line**)
² Eduardo Hughes Galeano (1940): jornalista

“Uma preocupação é recuperar os que deixaram a Igreja Católica, apelando a uma missão geral incumbida de realizar a volta dos que se foram, sem corrigir a razão pela qual se foram”

está com “as veias abertas” – perde em quantidade numérica e em qualidade. Aumenta o “sufoco” intraclesial. Como quem estivesse com a cabeça dentro de um saco plástico: falta o ar e sofre alucinações. Estamos voltando para trás do que foi assumido pelo Vaticano II – na liturgia, na formação dos seminários, na escolha de peritos, de reitores e dos bispos, na prática da colegialidade, no ecumenismo... Esfumou-se a Igreja local, que, diferente do momento de Medellín, já não está para dar a sua colaboração original ao conjunto católico, mas “prefere” escutar as consignas que as autoridades de turno trazem de fora. O bom pároco, o bispo fiel, é o que pergunta aos “superiores” o que convém dizer. Pior é a centralização prepotente. De tanto temer e combater o comunismo, acabou contagiando-se com algo deles, como o partido único, o culto das personalidades e o fechamento ao redor de um modelo hegemônico. Refiro-me aqui à proliferação de “eunucos” – burocráticos, intelectuais, pastorais –, que são criados para sustentar o modelo canonizado. O termômetro das canonizações abundantes é revelador. Está difícil de avançar com o processo de Romero,³

e escritor uruguaio, autor de *As veias abertas da América Latina* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990). (Nota da IHU On-Line)

3 Dom Oscar Romero (1917-1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em

Enrique Angeleli,⁴ Leonidas Proaño,⁵ Juan Gerardi,⁶ Luciano Mendes,⁷ Aloísio Lorscheider,⁸ Helder Câmara⁹... Há mártir. (Nota da IHU On-Line)

4 Enrique Ángel Angelelli (1923-1976): bispo argentino, assassinado pelo último governo militar argentino por defender causas sociais. Sobre a reabertura do caso, confira as *Notícias do Dia* do sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) (www.unisinos.br/ihu), as seguintes notícias: “Angelelli, a voz do bispo mártir, 32 anos depois”, de 07-08-2008; “Visitem as pessoas, que a barriga fique verde de tanto churrasco compartilhado com o povo. O conselho de D. Angelelli” e “Depois de 30 anos de silêncio, Igreja da Argentina homenageia Angelelli, morto pela ditadura”, de 05-08-2006, além da entrevista “A reabertura do caso Angelelli, bispo assassinado pela ditadura militar argentina”, com Washington Uranga. (Nota da IHU On-Line)

5 Leonidas Eduardo Proaño Villalba (1910-1988): padre e teólogo equatoriano, bispo de Riobamba de 1954 a 1985, conhecido como Bispo dos Pobres e Bispo dos Índios. Confira, nas *Notícias do Dia* do sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), em 08-08-2008 a notícia “Monsenhor Leônidas Proaño, símbolo e exemplo do Equador”. (Nota da IHU On-Line)

6 Monsenhor Juan José Gerardi Conedera (1922-1998): bispo guatemalteco defensor dos direitos humanos assassinado pela ditadura do país em 26 de abril de 1998. (Nota da IHU On-Line)

7 Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006): padre jesuíta, arcebispo de Mariana, e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dele, a IHU On-Line publicou uma entrevista na 24ª edição, de 01-07-2002, por ocasião de sua participação no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85ª edição, de 24-11-2003, e outro artigo na 95ª edição, de 05-04-2004. Por ocasião de seu falecimento, em 27-08-2006, o sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), ofereceu ampla repercussão sobre sua vida e trajetória. Para conferir detalhes, acesse as *Notícias do Dia* de 28-08-2006. Em 03-09-2007 publicamos uma entrevista especial com Dom Pedro Luiz Stringhini, intitulada “O leilão da Vale não foi ético, dizia D. Luciano Mendes de Almeida”. (Nota da IHU On-Line)

8 Dom Aloísio Lorscheider: cardeal, arcebispo emérito de Aparecida do Norte, São Paulo. Concedeu entrevista à IHU On-Line na matéria de capa da 124ª edição, de 22-11-2004, que teve como tema os 40 anos da Lumen Gentium. Este aniversário também pautou a palestra do evento IHU Idéias de 25-11-2004, ministrada por Lorscheider e Dom Boaventura Kloppenburg. (Nota da IHU On-Line)

9 Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria

uma obsessão pelos números – movimentos, congressos, que encham estádios e praças, com a mesma dinâmica das torcidas uniformizadas. Uma preocupação é recuperar os que deixaram a Igreja Católica, apelando a uma missão geral incumbida de realizar a volta dos que se foram, sem corrigir a razão pela qual se foram.

IHU On-Line - Qual o papel e a importância das Comunidades Eclesiais de Base para a conjuntura eclesial atual da América Latina?

José Marins - Mantém-se uma hipótese pastoral enganadora. Continuamos a funcionar tendo a paróquia como única instância de raiz da estrutura eclesial, quando já faz séculos que ela deixou de ser base e de estar dentro da terra da realidade. As CEBs deixaram de “ser moda”. Por parte do clero e de um número significativo de bispos há indiferença e mesmo agressão em relação a elas. Isso não quer dizer que deixaram de ser necessárias e significativas. Atualmente, elas resistem e surpreendem. Estão presentes em todos os países, com processos distintos e até alguns com nomes diferentes. Em Cuba, se chamam *Casa Missão* (só em Havana são mais de 400); em Santo Domingo, são opção do Concílio Plenário do país, mas se denominam Pequenas Comunidades Eclesiais. A Conferência de Bispos Asiáticos nos pediu assessoria para acompanhar as CEBs, que por lá vão se multiplicando, com franco apoio. A minha equipe vai, a partir do fim do mês, dedicar-lhe três meses. Aparecida retoma positivamente a proposta das CEBs. E a Quarta Redação aprovada (portanto Magistério Episcopal) é muito eloqüente nessa linha. Ademais, repete-se a consigna de descentralizar a paróquia em setores e de formar redes de comunidades.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza os movimentos sociais na América Latina? Para onde caminham

Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo “Hélder Câmara: cartas do Concílio”. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista “O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil”, realizada com Ernanne Pinheiro. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara – O santo rebelde*. (Nota da IHU On-Line)

e quais as suas principais reivindicações?

José Marins - Sob o ponto de vista da conscientização, o Movimento Ecológico e o Movimento Feminista são os que estão tendo maior êxito de penetração. Manifestou-se a extraordinária capacidade de articulação do Movimento Sem Terra (MST), no Brasil, dos mineiros na Bolívia Confederação Operária Boliviana (COB), e dos indígenas no Equador. As conquistas nessas áreas estão em contexto de conflito.

IHU On-Line - E a Teologia da Libertação? Qual sua análise? Ela precisa de uma renovação ou ainda é atual para pensar na Igreja dos pobres?

José Marins - Sim. A Teologia da Libertação nos arranca da realidade histórica e das referências da fé. A história é dinâmica, logo, dela emergem novos horizontes, desafios e oportunidades, seja no campo sociopolítico, como no campo da fé. O desenvolvimento das Ciências Sociais e humanísticas coloca referências novas para as populações. A globalização toca a identidade dos povos (como Peru, Equador, Venezuela, Bolívia, Paraguai, México). Os pobres não estão imunes à avalanche consumista. Neste contexto, o conceito de pobreza necessita ser revisado. A opção pelos pobres permanece. Como se configura a pobreza nesta época é o que a Teologia da Libertação está procurando aprofundar, considerando também o contexto do grande vazio espiritual criado pelo sistema neoliberal; a crise ética das populações; e as esperanças de um congraçamento continental que pode chamar-se Mercosul. A reflexão libertadora vai tendo como objetivo as tarefas continentais comuns, apontando para modelos alternativos globais.

IHU On-Line - Em que sentido podemos perceber a influência da Teologia da Libertação nas lideranças políticas latino-americanas?

José Marins - Quanto à influência da Teologia da Libertação, apareceram lideranças políticas, em distintos níveis, animadas pela sua mística. Outros nem sempre usaram a terminologia da Teologia da Libertação, mas assumiram a sua práxis. No primeiro

“Os pobres não estão imunes à avalanche consumista. Neste contexto, o conceito de pobreza necessita ser revisado”

grupo, claramente se identifica a pessoa do atual presidente do Paraguai, Fernando Lugo.¹⁰ No discurso em que assumiu seu mandato, afirmou: “A vida deste humilde paraguaio... tem na fé uma contribuição muito importante... optei preferencialmente por aqueles que a história havia arremessado nos marginais cenários da exclusão e da miséria. Quando encontrei a palavra de Boff¹¹ e de Gutiérrez¹² (= Teologia

¹⁰ Fernando Armindo Lugo de Méndez (1951): bispo católico, ex-ativista político e presidente do Paraguai. Confira a ampla repercussão dada pelo sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) (www.unisinos.br/ihu) ao seu governo, clicando em *Notícias do Dia* e digitando a palavra chave Lugo. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Leonardo Boff (1938): teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder – Ensaio de eclesiologia militante* (3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line número 209, de 18-12-2006, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007. Sua contribuição mais recente à nossa revista aconteceu na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, com a entrevista “A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz”. (Nota da IHU On-Line)

¹² Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os des-

da Libertação), entre outros, percebeu claramente que era essa a Igreja destinada a nutrir de esperança ativa os seres irmãos e humanos sumidos no discurso opressor de tantas ditaduras que marcaram a história de nossa Pátria Americana”. O atual presidente do Equador¹³ teve um currículo social-pastoral, explicitamente animado pela Teologia da Libertação. Trabalhou ao lado de Monsenhor Proaño em Riobamba. Outros líderes sociais latino-americanos e caribenhos, em diferentes momentos, organizaram estudos em que a Teologia da Libertação teve um papel importante – Cuba, El Salvador, Nicarágua, Bolívia, Chile, Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela, Dominicana, e o Presidente Lula, quando do seu tempo na liderança metalúrgica.

IHU On-Line - Ano que vem acontecerá um encontro de CEBs no Paraguai. Na sua opinião, a escolha daquele país como local para a realização do evento está vinculada à presença do presidente Lugo?

José Marins - Em abril do próximo ano, no Paraguai, está programado um curso com os bispos, sacerdotes e outros agentes de pastoral das Igrejas, que estão trabalhando com CEBs ou nelas tenham interesse. Esse evento já estava previsto antes da eleição de Lugo como presidente.

IHU On-Line - O senhor acha que a presença do presidente Lugo vai

favorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da IHU On-Line)

¹³ Rafael Vicente Correa Delgado (1963): economista, político e atual presidente do Equador. Propõe uma postura nacionalista, oposta aos organismos multilaterais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) e é a favor de uma maior participação do Estado na exploração do petróleo. (Nota da IHU On-Line)

“Fernando Lugo terá que mover-se com muito cuidado. Seus adversários procurarão limitá-lo de todos os modos”

marcar uma posição em benefício dos mais excluídos ou pode acabar em um processo com poucas mudanças, assim como no Brasil?

José Marins - Sua visão sempre global da realidade do país e de seus processos permitiu a Lugo palpar a realidade de pobreza estrutural de seu país e o confirmou na sua opção pelos pobres. O que apresentou como meta do seu governo, até o momento, é que os pobres, que são a maioria no país, serão sua prioridade. Por outro lado, lembro do peso que ainda tem, no Paraguai, o partido que o dominou por muitas décadas, os senhores dos latifúndios, os militares, a preocupação da política externa dos Estados Unidos (tenha-se presente a Base Militar que impuseram ao país). Esses são grandes desafios. Fernando Lugo terá que mover-se com muito cuidado. Seus adversários procurarão limitá-lo de todos os modos.

IHU On-Line - Que alternativas podemos vislumbrar em nossos dias no intuito de alcançar e fortalecer uma Igreja mais dinâmica e libertadora?

José Marins - Algumas tarefas:

a) As repressões a teólogos e outros intelectuais está dificultando toda reflexão criadora. A teologia vai estacionar. Por outro lado, o catolicismo oficial não está conseguindo falar uma linguagem inteligível para os contemporâneos marcados por uma nova cultura científica e com extraordinário acesso aos recursos da informática.

b) É inadiável a tarefa de reconstruir o nível de base da Igreja, em forma de rede. Criar redes de apoio. Aposatar no pequeno articulado. Como diz o provérbio africano: “Gente pequena, em lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, conseguem grandes transformações”

c) Retomar o ecumenismo (não em torno ao doutrinário ou autoritário, mas em torno da experiência de Deus de cada tradição religiosa; encontrar-

se no serviço aos mais necessitados, tornando-os realmente sujeitos coletivos de uma nova época, motivados por sua fé.

d) Tornar efetiva a colegialidade, como magistério e ação pastoral.

e) A originalidade das Igrejas locais deve ser incentivada para que elas colaborem com o conjunto de toda a Igreja a serviço do mundo, com o que lhes é próprio e único.

f) Exorcizar as politicagens dentro da Igreja, os chamados “Clubes de Roma” e poderes paralelos que impõem a sua visão hegemônica do mistério de Deus, como única e ortodoxa.

IHU On-Line - José Comblin¹⁴ insiste em conhecer os novos pobres e não continuar um discurso de outra época. Na sua opinião, quem são os novos pobres? Onde moram, de onde migram? Que possibilidades eles vão descobrindo e onde ecoam suas vozes?

José Marins - Os seres humanos marginalizados continuam sendo a maioria. Aumentou o número e a gravidade

¹⁴ José Comblin: teólogo belga. Participou do primeiro grupo da Teologia da Libertação. Esteve primeiro na raiz das equipes de formação de seminaristas no campo em Pernambuco e na Paraíba (1969), do seminário rural de Talca (1978) e de outro, na Paraíba, em Serra Redonda (1981). Estas iniciativas deram origem à chamada “teologia da enxada”. Além disso, esteve na origem da criação dos Missionários do Campo (1981), das Missionárias do Meio Popular (1986), dos Missionários formados em Juazeiro da Bahia (1989), na Paraíba (1994) e em Tocantins (1997). É autor de inúmeros livros, dentre eles *A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978). Confira na edição número 213 da revista *IHU On-Line*, intitulada *América Latina em movimento. Algumas notas*, outra entrevista com José Comblin, sob o título “Os movimentos sociais fortes são os indígenas”. O conteúdo está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu), na qual Comblin concedeu a entrevista “As oligarquias controlam a democracia na América Latina. Esta é a questão central”, em 24-07-2007. Também é autor dos *Cadernos Teologia Pública* número 36, sob o título *Conferencia Episcopal de Medellín: 40 anos depois*. (Nota da IHU On-Line)

da sua exclusão. São os migrantes (da África, da América Latina, do Out-Back australiano...); são os idosos, cada vez em maior número e ameaçando futuros desequilíbrios socioeconômicos; são as crianças militarizadas nas guerras africanas, ou buscadas pela pornografia pedófila; são as populações controladas pelos traficantes de drogas; são as grandes populações de pobres, que estão sendo castradas como novos eunucos ideológicos, feitos aos milhões pelos programas de auditório, novelas, *Big Brother*. Como dizia Paulo Freire,¹⁵ “cada noite a população inteira de um país está atraída a sentar-se indefesa diante de um aparelho de televisão, que por horas vai seguir transformando-os em idiotas, com a ilusão do sonho dos ricos (que nunca serão); dos triunfadores na passarela, no esporte, na grande máquina econômica do mundo contemporâneo”. Na Igreja, à exceção de trabalhos heróicos de muitos grupos que agem com os pobres e como pobres, o pobre se tornou cosmético. É citado nos documentos e discursos, mas não são lhe dadas condições de ser sujeito. As análises da situação denunciam os pecados, mas não os pecadores. Quando o fazem, esquecem de propor uma análise estrutural. Tudo fica confinado na área dos pecados individuais. Pode até haver punição para os pecadores, mas o sistema opressor continua tal e qual.

IHU On-Line - Quais foram as novidades do 8º Encontro Latino-Americano, que aconteceu em Santa Cruz,

¹⁵ Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). Confira a edição 223, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogia da esperança*. (Nota da IHU On-Line)

“Na Igreja, à exceção de trabalhos heróicos de muitos grupos que agem com os pobres e como pobres, o pobre se tornou cosmético. É citado nos documentos e discursos, mas não lhe são dadas condições de ser sujeito”

na Bolívia?

José Marins - Em Santa Cruz, na Bolívia, aconteceram três encontros sucessivos de CEBs: o inter-ecclesial (nacional) das CEBs do país; o dos assessores, e o latino-americano e caribenho. Desse conjunto de trabalhos, apareceu,

I – Como novidade:

a) A articulação das CEBs em toda a América Latina e Caribe, tendo a equipe nacional mexicana como animadora. As regiões são: Cone Sul, Caribe, Bolivarianos, México- América Central e Panamá.

b) O consolidar-se de um grupo de cerca de 40 assessores/as, para ciências Bíblicas, Teológicas, Sociais (Política-Economia), que está se reunindo em âmbito continental, a cada dois ou três anos e em âmbito regional, anualmente.

c) Que as CEBs entram decididamente no caminho da formação bíblica transformadora da vida (Leitura da vida e da Bíblia). A experiência exitosa de um curso intensivo para assessores e animadores de base, chamado “Diplomado”, vai sendo multiplicada em outras partes.

II – Como constatação:

a) Afirmação da vida e caminhada das CEBs na América Latina e no Caribe (com matizes). As CEBs, apesar das dificuldades internas e externas, como discípulas missionárias, a serviço do Reino, estão vivas e lutando por uma vida mais digna para nossos povos. Destacaram-se os fortes testemunhos das comunidades do Haiti, de El Salvador e da Nicarágua.

b) A centralidade de Jesus Cristo, em dimensão Trinitária, é a fonte da mística e da espiritualidade das CEBs.

c) Forte presença e protagonismo laical, a partir dos pobres, no âmbito eclesial e sócio-político-ecológico. Busca de uma nova maneira de viver o ministério diaconal, presbiteral e episcopal, neste novo rosto da Igreja.

d) Necessidade de acentuar e aprofundar a comunicação e articulação, em todos os níveis, a fim de compartilhar as vivências, lutas e esperanças.

III – Como compromisso:

a) Reforçar e relançar redes de lutas solidárias: os movimentos sociais, a economia solidária, a ecologia, a construção de uma nova cidadania e o compromisso político. Insistiu-se fortemente no acompanhar, com um protagonismo crítico e construtivo, o surgimento e processo dos governos populares que emergiram no continente.

b) Relançar as CEBs neste momento da América Latina e do Caribe, confirmados e animados pela mensagem de Aparecida, aprofundando a identidade e a coerência, a espiritualidade das CEBs, e a comunhão e articulação de todos os níveis.

c) Acentuar a formação, inicial e permanente, nesta nova eclesiologia que surge do Vaticano II e do Magistério Latino-americano e Caribenho que tem que levar à “conversão pastoral” e “renovação eclesial” (DA. 366-367), destinada especialmente aos pastores, seminaristas, religiosos/as, agentes de pastoral e, além disso, aos membros das comunidades.

d) Incentivar a comunicação e articulação, como parte da identidade eclesial das CEBs, a nível paroquial e diocesano. Também socializar e aproveitar as experiências e materiais através dos meios de comunicação.

CONFIRA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

ACESSE

WWW.UNISINOS.BR/IHU

Invenção

Editoria de Poesia

Cláudio Nunes de Moraes

POR ANDRÉ DICK

O poeta, tradutor e músico Cláudio Nunes de Moraes nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1955. Sua poesia está reunida no volume *Xadrez via correspondência* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997), que inclui uma reedição de seu livro de estréia – *Eu, pron. pess.*, de 1982. Traduziu, entre outros trabalhos, 19 poemas de Paul Valéry (14 deles antes inéditos em português), publicados na revista *Cacto* número 2 (São Paulo, 2002), e no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, de abril de 2006 e agosto de 2007.

Assim como Paul Valéry, Cláudio Nunes trabalha, de maneira elaborada, com a materialidade do texto e a organização simétrica dos versos. Embora não costume usar uma das formas prediletas de Valéry – o soneto –, Cláudio Nunes guarda a proximidade com o verso musical, com aproveitamento sempre interessante de rimas e aliterações. Isso está presente, por exemplo, em “Piano preparado”: “e mais a musa é toda ouvidos, / a despertar novos sentidos. / / coisas menores, coisas justas, / às aumentadas, diminutas. / / do pressentido exterior / para o sentido interior / / e, questões acústicas (vide / verso) mais que evidentes, vice- / versa. a trama, num mezzo plano, / com toda a força de um piano”. Sua poesia traz ainda referências culturais, envolvendo filmes, livros, pinturas, além de revelar uma forte influência da poesia concreta, sobretudo em seu livro de estréia já mencionado, em que Cláudio apresenta uma variação tipográfica e um trabalho especial

com as palavras sobre a página, além de um bom humor: “e amar / por mais uma vez / é como / o nascer / de um poema chinês”.

Referências culturais e construção do verso

Em seus poemas, há referências a autores, como “P. S. a T. S. Eliot” – com versos que se destacam novamente pela propriedade sonora: “Quando se planta sol a pino / em quantos erros incorre ? / – ao carregar-se de atropina / / Que palavras sombrearia / sem a cor de suas campânulas / / que líquidos metais acordaria / num p.s. sem vogais / para a minúscula palavra poesia”. Em “Breve ontologia bilíngüe”, recorda da poética do norte-americano William Carlos Williams: “diante / de uma árvore / [...] / vista de um prédio / em outro inverno / diante / de uma construção / / em primeiro plano / onde / sob o neon / / recente / 9 pilhas de tijolos crus / aguardam / a chegada do cimento”. Por meio dessa “apropriação”, Cláudio, no entanto, constrói uma poética extremamente singular, bastante condicionada pela fala cotidiana (inserindo trechos em espanhol e em francês em seus versos) e pelas cores da natureza, como em “Vegetação” (“Entre o girassol-do-mato / – (malmequer- / do-rio-grande) / com flores reunidas / em capítulos / solitários / – e o bem-me-quer- / (de-todos-os-meses) / / intervalos regulares”), cercada pelas mudanças de estação, presente sobretudo em “Água-tinta”: “Fevereiro é

um pássaro. Veio, março / na flor das águas, num momento, e partiu”.

Ao mesmo tempo em que trabalha com poemas simétricos, com versos rápidos, Cláudio desenha uma poética que guarda uma grande observação sobre lugares – sobretudo de Minas Gerais, nos versos de “Bilhete”: “descer direto / em Passagem de Mariana / e perguntar / pelos Inconfidentes / em Ouro Preto” – e experiências, embora nunca esclareça se elas são meramente resultado de leituras, por meio de outros autores. Se em *Xadrez via correspondência* já havia uma correspondência imediata com a construção do verso de João Cabral, outro admirador de Valéry, nos poemas mais recentes de Cláudio Nunes esse diálogo se intensifica e resulta na escolha de temáticas semelhantes, como no poema “Alguns guitarristas”: “a frágua, a *gitanería*, / sim, ouvi Francisco Sánchez / Gómez, *Paco de Lucía*: / / cultivando uma avalanche / de toques, mas com mão certa, / não deixa que se desmanche / / o toque que se completa / com o elenco dos *tablaos* / e das *peñas* mais secretas, / / pois tal guitarra, ou granada / que explode à frente do elenco, / sempre renasce – extremada – / / dos pés, da voz do flamenco”, que dialoga diretamente com os poemas de *Quaderna*, do poeta pernambucano, que trazem poemas remetendo ao flamenco e às dançarinas espanholas. O poema de Cláudio enviado à *IHU On-Line* dialoga, por sua vez, com o título de um poema de Murilo Mendes, “A lua de Ouro Preto”, presente no livro *Contemplação de Ouro Preto*, e com *Sonetos brancos*, obra do mesmo autor.

ANOTAÇÕES

Sobre os cadernos
de um juiz-forano:

*A Lua e os Sonetos
Branços de Ouro Preto.*

•

Sobre os cadernos
de um norte-americano:

Faltam-nos francesas
para completar suas idéias.

•

Sobre os cadernos
belo-horizontinos
do quarto minguante:

Faltam-nos francesas para completar
suas idéias, a Lua para um soneto
branco e, para completar, nos falta Ouro Preto.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 08-09-2008 a 13-09-2008.

“Uma forma de democracia direta é algo que hoje pode ser tecnologicamente possível”

Entrevista com Massimo di Felice

Confira nas Notícias do Dia 08-09-2008

“Com a comunicação digital nós temos, pela primeira vez na história da humanidade, a alteração desse fluxo comunicativo, a criação de uma forma de comunicação em rede onde todos os indivíduos são, ao mesmo tempo, emissores e receptores, ou seja, todos nós podemos criar mensagens e distribuí-las em rede”, afirma o especialista.

Ordenação de mulheres na Igreja Católica: “Acho que é uma questão de tempo”

Entrevista com Marínez Rosa dos Santos Bassotto

Confira nas Notícias do Dia 09-09-2008

A Igreja Anglicana ordena mulheres como presbíteras desde 1944, narra a Deã da Catedral da Igreja Anglicana de Porto Alegre.

A contribuição sindical é uma proposta positiva e necessária

Entrevista com José Dari Krein

Confira nas Notícias do Dia 10-09-2008

“A proposta da contribuição negocial, para ser viabilizada, será legitimada por uma legislação. Eu vejo isso como algo positivo e necessário”, defende o especialista.

Vale do Sinos inaugura Banco de Alimentos

Entrevista com José Ivo Folmann

Confira nas Notícias do Dia 10-09-2008

Em entrevista à IHU On-Line, Pe. José Ivo contou como se criou e organizou o Banco de Alimentos, inaugurado no último dia 11, na região do Vale do Sinos e como será o seu funcionamento.

Consumo e cultura: Agenda política da cozinha

Entrevista com Fátima Portilho e Eliana Saraiva

Confira nas Notícias do Dia 11-09-2008

Rever o posicionamento do consumo a partir do que o meio ambiente precisa hoje, a partir de uma profunda reflexão cultural, é o que defendem as professoras nesta entrevista.

“O momento é de repartir os ganhos que as empresas vêm obtendo”

Entrevista com Clemente Ganz Lucio

Confira nas Notícias do Dia 12-09-2008

Para o diretor-técnico do Dieese, as empresas aumentaram a sua capacidade de produção em 6% e concederam aumento de 3,6% aos trabalhadores. Segundo ele, o aumento dos salários não está gerando pressão inflacionária.

Memória e ditadura militar: “Precisamos passar a limpo o que aconteceu”

Entrevista com Christa Berger

Confira nas Notícias do Dia 13-09-2008

Segundo a professora, “ainda nos falta passar a limpo este acontecimento e precisamos das testemunhas para identificar os torturadores, para que estes sejam julgados e punidos. Neste caso, corremos contra o tempo”.

acesse

www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 17-09-2008
<i>IHU Idéias</i>
Autonomia e Submissão no Rio Grande do Sul: O sentido histórico da Administração “Yeda Crusius” Palestrante: Professor Dr. Mário Maestri – PPG em História – UPF Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 19-09-2008
<i>Espiritualidade Cristã na Pós-modernidade: Desafios e perspectivas</i>
08h30min - Relações de gênero e desafios da vida afetiva Profa. Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua – PUC-Rio
10h30min – Características e contribuições da espiritualidade de Santa Teresa para os dias de hoje Profa. Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua – PUC-Rio
14h – A experiência espiritual cristã: suas características e desafios Pe. Luís Gonzalez-Quevedo, Centro de Espiritualidade de Itaici – SP
16h – Contribuições da Espiritualidade inaciana: a atualidade da experiência e do itinerário espiritual de Inácio de Loyola - Pe. Luís Gonzalez-Quevedo – Centro de Espiritualidade de Itaici – SP
Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
18h30min - Celebração Eucarística na Capela Universitária – Unisinos
Dia 22-09-2008
<i>Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia</i>
O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter (Joseph A. Schumpeter, 1883-1950)

**PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS
DO IHU**
**CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

Teresa de Ávila. Mulher plenamente humana e toda de Deus

Para Lúcia Pedrosa de Pádua, a principal luz da espiritualidade de Santa Teresa é mostrar a dimensão humanizadora da espiritualidade cristã

POR BRUNA QUADROS

No dia 19 de setembro, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU realiza a segunda e última jornada do evento *Espiritualidade Cristã na Pós-modernidade: desafios e perspectivas*. Na ocasião, um dos temas a serem discutidos serão as características e contribuições da espiritualidade de Santa Teresa para os dias de hoje. A Profa. Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua, docente na PUC-Rio, irá proferir duas conferências sobre o tema. Em entrevista concedida por e-mail à revista *IHU On-Line*, ela afirmou que Teresa é um bom testemunho que anima uma maior audácia evangelizadora, com criatividade, justiça, amor e muita humildade. Lúcia destacou, ainda, que considera muito importante o papel dos/as teresianistas, dispostos a aprofundar na obra de uma escritora tão importante para a humanidade e a história da espiritualidade, como é Teresa de Ávila, tirando dessa vida e obra as conseqüências para a espiritualidade cristã, hoje.

Lúcia Pedrosa possui doutorado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e pós-doutorado em Teologia da Espiritualidade, pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma (Itália). Atualmente, é professora de Teologia e Cultura Religiosa na PUC-Rio, exercendo também a função de Coordenadora da Cultura Religiosa (CRE). É professora de Cristologia no Centro Loyola de Fé e Cultura, também da PUC-Rio. Coordena o Ataendi, Centro de Espiritualidade da Instituição Teresiana no Brasil e é membro da Comissão de Teólogas da América, da Instituição Teresiana.

IHU On-Line - Como foi sua aproximação e conhecimento da vida e espiritualidade de Santa Teresa de Ávila?

Lúcia Pedrosa de Pádua - Aproximei-me da vida e da espiritualidade de Santa Teresa ainda nos meus estudos de graduação em teologia, em Belo Horizonte. No que hoje é a Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), tive a sorte de encontrar mestres que sabiam unir teologia e espiritualidade e me motivaram para os estudos da Teologia Espiritual. Na Instituição Teresiana, grupo laical ao qual pertencço, pude aprofundar os estudos a partir da Espiritualidade de Encarnação e de uma perspectiva de Teresa como “mulher plenamente humana e toda de Deus”. Considero muito importante o papel dos teresianistas, dispostos a aprofundar na obra de uma escritora tão importante para a humanidade e a história da espiritualidade, como é Santa Teresa, tirando dessa vida e obra

as conseqüências para a espiritualidade cristã, hoje.

IHU On-Line - Quais são os fatos mais importantes da vida de Teresa e que marcam sua espiritualidade?

Lúcia Pedrosa de Pádua - Destacaria quatro fatos importantes. O primeiro, a sua forte experiência de amizade com Jesus Cristo, descrito por ela como Humanidade sagrada. O encontro decisivo com esta realidade do Cristo interpelador e amigo se dá quando Teresa tinha 39 anos e significou para ela uma verdadeira conversão. Mas a experiência se desenvolve, trazendo um progressivo amadurecimento na sua imagem de Deus, que, através da proximidade de Cristo, vai se revelando como amor comprometido com a humanidade. Nesta relação, Teresa passa por uma progressiva transformação de sua vida, opções e afetos. Transforma-

ção que faz dela uma mulher muito humana e capaz de amar com coragem e audácia, em meio a conflitos. Outro fato, anterior, é a fuga de casa, aos 19 anos. Teresa vai ao encontro da sua intuição profunda, do que considera o seu chamado, mesmo contra a vontade do pai. O terceiro fato é o início de sua vida como escritora, por volta de 50 anos de idade. Embora já tivesse realizado outros registros escritos, nesta época ela escreve a nova e definitiva redação do *Livro da vida* e assumirá sua condição de escritora com responsabilidade profética, até o fim de sua vida, aos 67 anos. Por fim, o início das fundações, aos 47 anos (até o fim da sua vida). Nelas, a sua experiência interior se explicita e adquire maior alcance eclesial.

IHU On-Line - Por que a pessoa e a obra de Teresa de Ávila é tão alta-

mente reconhecida tanto na Igreja (o Papa Paulo VI conferiu-lhe o título de Doutora da Igreja) quanto por ateus e livres pensadores?

Lúcia Pedrosa de Pádua - A proclamação de Santa Teresa como doutora da Igreja, em 1970, é a oficialização de um reconhecimento bem anterior. Os escritos de Santa Teresa tiveram aceitação e edição ininterrupta desde a primeira edição, em 1588. Aliás, antes, durante sua vida, ela mesma já manifestava consciência de exercer um magistério, através de seus livros, no que diz respeito à vida cristã e à oração. Seu êxito junto a ateus e livre-pensadores pode ser buscado na empatia que Teresa estabelece com o leitor de todos os tempos, na relevância e verdade de seus escritos, na sua inquestionável qualidade literária, no interesse histórico de suas valiosas descrições, em sua estatura humana e por apresentar um testemunho impressionante do mistério de Deus atuante na vida humana.

IHU On-Line - Teresa trouxe uma renovação para Igreja. Quais são hoje as renovações que as mulheres cristãs deveriam realizar?

Lúcia Pedrosa de Pádua - Teresa é um bom testemunho que anima uma maior audácia evangelizadora, com criatividade, justiça, amor e muita humildade. Em relação às mulheres, penso que seja exemplo para buscar relações mais recíprocas entre homens e mulheres, baseadas no reconhecimento mútuo e na valorização das diferenças; buscar maior integração das potencialidades femininas, especialmente as de organização e governo; deslocar os limites do possível na construção de um “outro mundo”.

IHU On-Line - Seus escritos, como *Livro da vida* e *Caminho de perfeição*, revelam uma mulher apaixonada pelo mistério de Deus e mostram também sua sabedoria na comunicação e acompanhamento no caminho espiritual. Quais são as principais luzes do itinerário espiritual que Teresa propõe? Que importância elas têm para a espiritualidade cristã contemporânea?

Lúcia Pedrosa de Pádua - A principal luz da espiritualidade de Santa Teresa é mostrar a dimensão humanizadora da

espiritualidade cristã. A busca de Deus significa ao mesmo tempo um encontro com uma forma de ser humano e conformar a vida de maneira cada vez mais livre, autêntica, amorosa, operativa e ética. O *Livro da vida*, autobiográfico, é o encontro de Teresa com o Deus-Cristo amigo que dá a Teresa o verdadeiro sentido e dimensão de sua vida, e desencadeia um dinamismo multidimensional. Este itinerário é iniciado pela oração, e esta é comparada ao ato de regar o jardim. Por isto, a vida espiritual pode ser comparada a um florescimento. Em *Caminho de perfeição*, vemos novamente o itinerário da oração como relação com Deus em Jesus Cristo, sempre inseparável da vida. Esta amizade é o único “caminho” por onde chegar a bom termo. Teresa oferece inúmeras “dicas” para esta relação. Também em *Castelo interior ou moradas*, vemos um verdadeiro tratado de antropologia indutiva, uma pergunta pela pessoa humana a partir da experiência de Deus. Este encontro entre a humanização e a experiência de Deus é muito importante para a espiritualidade contemporânea, para não cairmos em espiritualidades vazias, individualistas, egoístas ou formais.

IHU On-Line - O que esta mulher que viveu no século XVI tem a dizer para o mundo de hoje?

Lúcia Pedrosa de Pádua - Que Deus existe e Ele é amor; que Ele fala, que é possível acolhê-Lo, e que nesta relação a pessoa e a comunidade são transformadas em uma direção a mais vida, com mais justiça, mais reconhecimento, mais amor.

LEIA MAIS...

Teresa de Ávila nasceu em 1515, em Ávila, Castela, e faleceu em 1582. Foi uma freira carmelita espanhola famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros, citam-se *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A santa apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz. De Teresa, ver *Livro da vida* (4. ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983) e *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995).

Desenvolvimento econômico na visão de Joseph Shumpeter

POR BRUNA QUADROS

Para dar seguimento ao ciclo de estudos em Ensino a Distância (EAD) – Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, de 22 de setembro a 04 de outubro, o objeto de estudos será a obra de Joseph Shumpeter, no sentido do desenvolvimento econômico. Nos *Cadernos IHU Idéias* número 47, publicado em 2006, este foi o assunto em destaque. O conteúdo de *O Desenvolvimento econômico na visão de Joseph Shumpeter* é de autoria do economista Achyles Barcelos da Costa, professor da Unisinos.

Na edição dos *Cadernos IHU Idéias* dedicado ao tema, Achyles destaca que as transformações experimentadas pela economia mundial desde a década de 1970 renovaram o interesse por um dos economistas mais brilhantes da profissão: Joseph Alois Shumpeter. “Ele é considerado, *par excellence*, um estudioso do papel da tecnologia na sociedade, ao fazer dessa variável o motor do desenvolvimento econômico”, ressalta o professor. Além disso, na obra, ele destaca que Shumpeter seguiu a trilha de outros grandes economistas como Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx. “Shumpeter procurou compreender os movimentos gerais da economia e o destino de um modo particular de produzir em sociedade: o capitalismo.”

No entanto, Achyles enfatiza que, ao contrário dos economistas clássicos, Shumpeter não considerava o crescimento da população e o acúmulo de recursos como os fatores determinantes do desenvolvimento econômico. “Nesse assunto, estava mais perto de Marx, pelo papel relevante que atribuiu ao progresso técnico na dinâmica capitalista”, destaca Achyles.

O conteúdo completo do texto sobre a obra de Shumpeter está disponível em www.unisinos.br/ihu.